

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO E DOUTORADO**

LEONARDO CARVALHO PRESTES

A MEMÓRIA COMO REGISTRO E REPETIÇÃO EM SIGMUND FREUD

CURITIBA

2019

LEONARDO CARVALHO PRESTES

A MEMÓRIA COMO REGISTRO E REPETIÇÃO EM SIGMUND FREUD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia, na área de concentração de Filosofia da Psicanálise, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Rogério Miranda de Almeida

CURITIBA

2019

Dados da Catalogação na Publicação
 Pontifícia Universidade Católica do Paraná
 Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
 Biblioteca Central
 Edilene de Oliveira dos Santos CRB-9/1636

	Prestes, Leonardo Carvalho
P936m 2019	A memória como registro e repetição em Sigmund Freud / Leonardo Carvalho Prestes ; orientador, Rogério Miranda de Almeida. -- 2019
	72 f. ; 30 cm
	Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2019.
	Bibliografia: f. 69-72
	1. Filosofia. 2. Memória (Filosofia). 3. Resistência (Psicanálise). 4. Repetição (Filosofia). I. Almeida, Rogério Miranda de. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título
	CDD. 20.ed. – 100



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Escola de Educação e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Filosofia - *Stricto Sensu*

ATA N.º 179/PPGF – DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos doze dias do mês de setembro de dois mil e dezenove, às dezesseis horas e trinta minutos na sala 3 de Pós, no segundo andar da Escola de Educação e Humanidades desta Universidade realizou-se a sessão pública de defesa da dissertação do mestrando **Leonardo Carvalho Prestes** intitulada: A MEMÓRIA COMO REGISTRO E REPETIÇÃO EM SIGMUNDO FREUD. A Banca Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Rogério Miranda de Almeida, Dr. Jelson Oliveira, Dr. Francisco Verardi Bocca e Dr. Maicon Reus Engler. Após a instalação dos trabalhos pelo presidente da banca, professor Rogério Miranda de Almeida, o candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e à defesa do candidato. Encerrada essa fase, os examinadores, em reunião reservada, apresentaram suas avaliações, tendo considerado o candidato APROVADO em sua defesa de dissertação conforme as notas e o conceito registrados abaixo. Após a proclamação dos resultados, o presidente da banca conferiu ao candidato o título de Mestre em Filosofia. Encerrados os trabalhos às 17 h 45 min. Para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA	NOTA
Prof. Dr. Rogério Miranda de Almeida – PUCPR		8,5
Prof. Dr. Jelson Oliveira – PUCPR		8,5
Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca – PUCPR		8,5
Prof. Dr. Maicon Reus Engler – UFPR		8,5
MÉDIA FINAL	CONCEITO	B
8,5	8,5	

Prof. Dr. Jelson Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia – *Stricto Sensu*

Dedico este trabalho aos meus irmãos:
Camila Carvalho Prestes, Lucas Carvalho
Prestes e Luana Carvalho Prestes.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha família. São essas as pessoas que sempre estiveram comigo. Perpassaram comigo toda a estrada até o presente momento. Em memória de minha avó, Benedita Nunes dos Santos Carvalho, agradeço por toda dedicação e empenho para comigo, proporcionando a mim os melhores momentos da vida. Agradeço à minha mãe, Maria Aparecida Carvalho, que sempre esteve ao meu lado, das piores às melhores ocasiões, com palavras de apoio, com entusiasmo e com muita fibra. Certamente, a mulher que mais admiro. Agradeço aos meus irmãos: Camila Prestes, Lucas Prestes e Luana Prestes, pela paciência que tiveram comigo durante todo esse processo. Sem a companhia e o sustentáculo dessas pessoas, nada disso seria possível. Afinal, nos momentos em que duvidei de mim mesmo, eles foram aqueles que acreditaram.

Agradeço também aos irmãos que a vida me proporcionou: Mateus Siqueira e Enzo Feliciano, pelas diversas conversas e pela disposição inabalável que sempre tiveram para me ouvir.

Agradecimentos especiais ao meu orientador, amigo, conselheiro, professor e pai (simbólico), Rogério Miranda de Almeida, o homem mais sábio que já conheci, que apesar de todas as decepções que dei, nunca me abandonou e sempre me incentivou. Foram vários cafés expressos até desenvolvermos todos os temas desta pesquisa.

Agradecimentos especiais também à Georgia Alano, minha melhor amiga, minha companheira que incondicionalmente está presente em minha vida, dando tanto suporte quanto possível.

Agradeço aos amigos que a academia e a filosofia me proporcionaram: Camila Batista, Bryan Axt, Hugo Pizzato, Cinthia Coulter, Tiago e Thiago Vasconcelos. A presença de vocês, nossas conversas e discussões, foram mais que necessárias para o desenvolvimento destas investigações.

Agradeço também aos professores e amigos Jelson Oliveira e Francisco Verardi Bocca, pelas diversas orientações, e pela disposição de estarem presentes na minha avaliação.

Ao professor Carlos Renato também agradeço, pela recepção e pelo apoio no estágio, pelas orientações na pesquisa e pelos impagáveis ensinamentos sobre lecionar.

Por fim, agradeço à CAPES, pela oportunidade concedida a mim, que através de uma bolsa de estudos pude dar continuidade a minha pesquisa filosófica. Nunca esqueçamos, e nunca deixemos, pois, ninguém diminuir a tamanha importância do investimento na ciência e na educação do nosso país. Graças a isso, pude perceber que a educação pode ser uma forma de *resistir*.

Aquilo que está escrito no coração não
necessita de agendas, porque a gente
não esquece. *O que a memória ama fica
eterno.*

Rubem Alves

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo investigar e analisar como Sigmund Freud (1856 – 1939) concebeu sua teoria da memória, segundo sua psicanálise. Temos como objetivo neste trabalho também o de analisar como Freud, ao evoluir e aprofundar em sua teoria, chegou à ideia e desenvolveu o conceito de “compulsão à repetição”, em contraste com sua nova teoria das pulsões. Não nos dispomos e não nos atemos à cronologia das obras freudianas, visto que não é este nosso objetivo. No primeiro capítulo, analisamos como a teoria da memória começou dentro da teoria da psicanálise, visto que o lembrar e o esquecer se colocaram desde o começo no caminho das investigações do inventor da psicanálise. Neste capítulo, examinamos alguns casos clínicos descritos por Freud em suas obras, com o objetivo de compreendermos como a memória, o recordar e o esquecer se desenvolvem e se apresentam na clínica. Em nosso segundo capítulo, investigaremos dois conceitos bem específicos dentro da psicanálise, os conceitos de “recalque” e de “resistência”, visto que são conceitos-chave para a compreensão da teoria da memória e, de maneira geral, de toda teoria psicanalítica. Em nosso terceiro capítulo, analisamos o conceito de “compulsão à repetição”, relacionando-o ao conceito de transferência. Deste modo, poderemos responder à questão norte do trabalho, a saber, como Freud compreende a memória e como ele introduz o conceito de *repetição* em sua teoria, contrastando os diversos conceitos acerca da memória e repetição.

Palavras-chave: Memória; Recalque; Resistência; Transferência; Compulsão à repetição.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate and analyze how Sigmund Freud (1856 - 1939) conceived his theory of memory, according to his psychoanalysis. Our aim in this paper is also to analyze how Freud, evolving and deepening his theory, came to the idea and developed the concept of "compulsion to repeat", in contrast to his new theory of drives. We are not prepared and do not stick to the chronology of Freudian works, since this is not our goal. In the first chapter, we look at how the theory of memory began within the theory of psychoanalysis, since remembering and forgetting were from the start in the path of investigations by the inventor of psychoanalysis. In this chapter we examine some clinical cases described by Freud in his works, with the aim of understanding how memory, remembering and forgetting develop and present themselves in the clinic. In our second chapter, we will investigate two very specific concepts within psychoanalysis, the concepts of "repression" and "resistance," as they are key concepts for understanding memory theory and, in general, all psychoanalytic theory. In our third chapter, we analyze the concept of "compulsion to repeat," relating it to the concept of transference. In this way, we can answer the northern question of work, namely, how Freud understands memory and how he introduces the concept of repetition in his theory, contrasting the various concepts about memory and repetition.

Keywords: Memory; Repression; Resistanc; Transferenc; Repetition compulsion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O REMEMORAR.....	15
2.1 O RECORDAR E O ESQUECER.....	16
2.2 LEMBRANÇAS ENCOBRIDORAS	21
2.3 A MEMÓRIA COMO REGISTRO.....	26
2.3.1 Os sistemas fi, psi e ômega.....	27
3 AS FORÇAS DA MEMÓRIA: O RECALQUE E A RESISTENCIA	33
4 A COMPULSÃO À REPETIÇÃO E A TRANSFÊNCIA.....	44
4.1 A TRANSFERÊNCIA	44
4.3 A COMPULSÃO À REPETIÇÃO EM FUNÇÃO DA PULÃO DE MORTE	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é o de investigar e analisar como Sigmund Freud (1856 – 1939) concebeu sua teoria da memória, segundo sua psicanálise e principalmente, responder à pergunta: Como o analisando, durante o decurso da análise, deixa a recordação falada de lado, visto que se instaura forte resistência contra a rememoração e passa a repetir, atualizar, “agir para fora”, como se afetos e representações antigas fossem atuais. Nosso escopo então será o de perseguir e salientar como Freud chegou no conceito de “compulsão à repetição” e como harmonizou este com sua teoria das pulsões. Intentamos, portanto, examinar o universo de forças e de relações de forças inconscientes que subjazem a este processo. Não se pode, porém, falar do recalque e da resistência sem ter presente outros conceitos básicos e relacionados: a transferência, a compulsão à repetição e as pulsões. Esta é a razão pela qual julgamos necessário, para atingir a nossa meta, analisar todos esses conceitos nas suas relações essenciais. Nossas investigações esperam elucidar essas questões.

Com efeito, o tema que analisaremos num primeiro momento, a memória, está fundamentalmente ligado com aquelas questões básicas que preocuparam o inventor da psicanálise e, em primeiro lugar, com a questão da resistência e do recalque. Para Freud, os sintomas e as afecções nervosas são, em geral, o resultado ou a expressão de algo mais profundo: trata-se de uma falha, de uma lacuna ou de uma resistência que atua na dinâmica da mente e, no que se refere à memória, faz com que o sujeito se esqueça – realmente se esqueça – daquilo que ele tenta lembrar-se. Com isso queremos afirmar que a partir das descobertas da psicanálise, aquele “Eu” coerente, coeso e centrado, tal como a psicologia tradicional o concebia, entendemos agora como um “Eu” descentrado, errante, hiante e movido por forças e relações de forças inconscientes, ou seja, que o sujeito desconhece. Em outras palavras, aquele sujeito “consciente”, que se cria o agente do seu próprio agir, é agora desbancado, destronado e mostrado, pela teoria psicanalítica, como um juguete das forças e das pulsões que se exprimem pela linguagem.

É importante notar que estas questões estão abertas a desenvolvimentos ulteriores, na medida em que a dinâmica da mente humana, e as relações intersubjetivas em geral, estão sempre a exigir novas investigações e novas

descobertas que se façam e esclareçam o comportamento humano. Isto é relevante, sobretudo, quando se toma em consideração os conceitos a que acima nos referimos. Um olhar retrospectivo sobre a obra de Freud revela-nos que ele está constantemente a reexaminar e a reinterpretar as suas próprias intuições. Evidentemente, levando-se em conta as dimensões formais deste trabalho, não podemos examinar, nem mesmo percorrer, todos os escritos do inventor da psicanálise.

Efetivamente, o nosso método de pesquisa consistirá basicamente na análise de obras-chaves de Freud se, no entanto, preocupar-nos com a disposição rigorosamente sistemática e cronológica destas obras. Assim, achamos por bem percorrer, de maneira assaz livre, noções, conceitos e definições, relacionando-os entre si e tentando, ao mesmo tempo, captar as suas nuances, as suas diferentes significações e as implicações que elas suscitam para outros conceitos. É que um constantemente reenviado a outros desdobramentos que o sujeito nem mesmo suspeita. Isto é tanto mais significativo quando se pensa numa faculdade tão complexa como a memória. Esta, de fato, se dá dentro e a partir de um universo de forças que não cessam de se incluir e de se entrelaçar umas nas outras.

Ao longo desta pesquisa, em alguns momentos e a respeito de alguns conceitos em específico, iremos nos utilizar do *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis. Sabemos, porém, de algumas ressalvas em relação a utilização de dicionários nesses moldes, no entanto, garantimos que analisamos e selecionamos apenas aquelas descrições que nos pareceram apropriadas ao nosso objetivo.

Feitas, pois, estas considerações, julgamos necessário, no primeiro capítulo ressaltar as características principais que a concepção da “memória” adquiriu sob a pena de Freud. Este, com efeito, penetrou e analisou a luta que travam entre si as pulsões e as expressões que desta luta se dão na realidade psíquica do sujeito. Isso se verifica, sobretudo, nas falhas, nas lacunas e nos atos falhos que se observam, de modo particular, ao longo do trabalho analítico. Pretendemos assim, neste primeiro capítulo, sublinhar o *dinamismo da memória*, vale dizer, a sua plasticidade, a sua mobilidade e as suas ambiguidades ao lembrar e ao esquecer. Ademais, examinaremos alguns casos e experiências de Freud, especialmente aqueles que dizem respeito aos atos falhos que sobressaem quando o sujeito fala, isto é, narra, conta e expõe.

Para isso, começaremos por analisar como a memória é, geralmente, compreendida pelo senso comum. Sabemos que para a maioria das pessoas, as recordações são nada mais do que os registros feitos a partir de sensações experienciadas. E enquanto mais forte e mais intensa for a experiência vivida, mais forte e mais intensamente será “guardada” no interior da mente. Deste modo, a lembrança ficaria arquivada e disponível sempre que o sujeito quiser evocá-la, ou melhor dizendo, recordá-la. Habitualmente pensada como passiva, a memória é, deste modo, aquele lugar onde se guardam as recordações, que se apagam – são esquecidas – conforme o tempo passa. Em outras palavras, para o pensamento comum, a memória, o recordar e o esquecer são fenômenos controlados, por assim dizer, pelo sujeito.

Após essas considerações, passaremos então a uma análise pormenorizada de como Freud compreende a memória. Para isso, analisaremos as obras que se encontram no princípio da ciência psicanálise. Numa obra em particular, de 1901, a atenção de Freud estava voltada aos fenômenos da clínica e da vida quotidiana, como lapsos de linguagem, esquecimento de nomes etc. Os casos desses fenômenos serão tomados como objetos de pesquisa pelo inventor da psicanálise, para compor aquele texto de 1901, intitulado *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*.

Sabemos que atos falhos e lapsos da linguagem fazem parte da vida de todas as pessoas, sejam elas enfermas ou não. Por isso, assim como Freud, consideramos esses os melhores casos para uma melhor compreensão do funcionamento da memória, de como ele pode ser volátil, enganador, *encobridor* e *revelador*. Desde essa época, o inventor da psicanálise já sabia o verdadeiro valor da memória dentro de toda sua teoria, a saber, que diversas afecções e sintomas estão diretamente relacionados ao recordar e ou não-recordar de determinadas experiências traumáticas antigas, principalmente aquelas experiências da primeira infância.

Após essas considerações, passaremos a examinar outro fenômeno decorrente da *atividade* da memória, a que o médico austro-húngaro chamou de *lembranças encobridoras*. Depois de anos investigando e recebendo relatos de colegas, Freud considerou que esse tipo de lembrança está presente na vida psíquica de todas as pessoas e está em completa associação com as lembranças desprazerosas da infância.

As considerações até aqui levam-nos então a necessidade da descrição do aparelho psíquico que Freud concebeu responsável pelo “registro” da memória. Nesta seção, evocaremos textos clássicos na psicanálise: o *Projeto* de 1895, texto que só veio para o domínio público após a morte do autor, e o texto que por muitos – e pelo próprio inventor da psicanálise – é considerado a obra que inaugurou a psicanálise, intitulado *A Interpretação dos Sonhos*, da virada do século, redigido em 1899 e publicado oficialmente na data de 1900. Serão através destes textos, mais especificamente, que Freud desenvolveu suas teorias tópicas, dinâmicas e econômicas do aparato psíquico. Ao usar a palavra “sistema”, o autor de *A Interpretação dos Sonhos* aponta, ou melhor dizendo, direciona o leitor a compreensão conjunta do aparelho. Em outras palavras, o aparato psíquico é formado por sistemas que interagem entre si, trocam informações, dividem cargas energéticas e impulsos. Desta forma, Freud pôde então elucidar como a memória, seu registro (facilitações) e o recordar funcionam e como os sistemas inter-relacionam-se, cada qual com uma *função* específica no psiquismo.

Consideramos necessária esta primeira análise sobre a teoria da memória, pois se queremos mostrar como a repetição e a transferência se relacionam durante o decurso da análise, devemos ter a ideia da memória ou, mais exatamente, da rememoração, clara e bem significada. Sabemos que num momento da análise, o analisando começa a repetir suas emoções e sentimentos remotos, geralmente de sua primeira infância.

Em nosso segundo capítulo, trataremos, como o título já o indica, das forças responsáveis, na memória, pelo recalque. Essas forças são aquilo que Freud chamou de *resistência*. Pretendemos mostrar em que medida o recalque e a resistência se relacionam, dando ênfase, sobretudo, à manifestação desses fenômenos no decurso da prática analítica. O trabalho desempenhado pela psicanálise consiste em, basicamente, trazer à tona o material recalcado, ou seja, o inconsciente. Neste momento, objetivamos sublinhar o caráter essencial do conteúdo realmente esquecido, isto é, que este está sempre pressionando o caminho em direção à consciência. Segundo o inventor da psicanálise, o recalque é compreendido neste sentido como o resultado de uma resistência. Esta resistência, juntamente a transferência, encontra na sessão analítica o momento perfeito para se exprimirem simultaneamente. Em outras palavras, é no decurso da análise e sobre a pessoa do analista que o analisando cria o cenário ideal para simbolizar, repetir,

elaborar ou, em suma, transferir e resistir. Também neste segundo capítulo tencionamos destacar o papel que desempenham as forças inconscientes neste constante plasmar de lembranças, distorcer experiências, esconder registros e, em termos freudianos, resistir e recalcar. Para elucidarmos esta questão, analisaremos a definição do conceito segundo Freud e, principalmente, sua evolução na história da psicanálise. É neste ponto, portanto, que veremos a relação entre os impulsos inconscientes, as associações de ideias e representações, com o recalcar, o deslocar e o falar. Ora, estes aspectos que aparecem concretamente durante as sessões de psicanálise, seriam, segundo Freud, os responsáveis pelo aparecimento dos sintomas nervosos. É interessante notar que, para o inventor da psicanálise, estes mecanismos seriam responsáveis também pelos fenômenos mais comuns nas pessoas normais, os já referidos atos falhos, os *lapsi linguae*, os sonhos etc. Mas, como já afirmamos, essas forças da memória, a resistência e o recalque não podem ser pensados sem levar em consideração sua relação essencial com a transferência, conceito que será o tema central de nosso próximo capítulo e, de maneira geral, acaba se tornando o tema central da nossa pesquisa.

Neste próximo capítulo, estudaremos esse mecanismo chave para a compreensão de como se dá a prática analítica e, em última instância, para a compreensão de qualquer relação interpessoal, isto é, o mecanismo da *transferência*. Neste momento, analisaremos um suposto impasse no decurso da psicanálise: a mesma transferência que, para Freud, pode ser compreendida como uma forma de resistência – na medida em que impede com que a pessoa analisada lembre e simbolize – pode ser compreendida também como um caminho, uma passagem, ou uma porta de acesso a compreensão do quadro clínico mais íntimo e mais profundo no inconsciente do sujeito. Isto só pode ocorrer, pois, segundo Freud, a transferência é uma repetição de experiências remotas do sujeito que, por estarem recalçadas, se apresentam e se simbolizam como sentimentos e vivências *atuais*, como por exemplo os sentimentos de amor e, conseqüentemente, de ódio. Desta forma, Freud nota que a rememoração falada pode ser substituída, por assim dizer, pela repetição de ideias recalçadas. É nesta medida, pois, que o conteúdo recalçado viria a servir como uma espécie de “padrão” para atuais sentimentos. Em outras palavras, amar, odiar, desejar e gozar já apontam para uma tendência universal do ser humano à repetição. Aquilo que nos fez gozar uma vez, será buscado eterna e repetidamente.

No entanto, e aqui reside também uma das principais questões de Freud, e uma das questões que norteiam nossas investigações, isto é: por que então a pessoa repete também aquelas experiências que em nenhum momento foram fontes de prazer? Aqui, o inventor da psicanálise inaugurará e ampliará sua mais nova teoria sobre o aparelho psíquico e sobre as pulsões, a saber, que a repetição estaria a serviço de uma força que vai além do princípio de prazer, força esta que Freud sintomaticamente batizou de **pulsão de morte**. Seria esta força a responsável por nos enviar, por nos direcionar e por nos conduzir até um estado de zero estimulação, ou seja, a morte.

Por isso, julgamos necessária a análise pormenorizada das teses levantadas por Freud no texto de 1920, para buscarmos respostas para nossa principal questão: como Freud operou essa viravolta teórica? Como ele chegou ao conceito de repetição, partindo de sua teoria da memória? Quais os conceitos são considerados chaves para a compreensão desta passagem do recordar, para o transferir e, por fim, para o repetir?

Elaborados, pois, estes pontos principais, delimitando-nos dentro de nossas aspirações, intentamos, nas páginas a seguir, analisar, elaborar e desenvolver as fundamentais questões acerca da memória e da repetição. Partamos então para as descrições de nossas investigações.

2 O REMEMORAR

A memória, habitualmente, é compreendida como aquele “lugar” na psique humana para onde iriam todas as experiências. Todo *contato* do homem com o mundo e com o seu próprio corpo se tornaria uma espécie de “registro” que ficaria armazenado, por assim dizer, em nossas mentes. Lá, estas experiências ficariam, em princípio, arquivadas e, conseqüentemente, à disposição da nossa consciência a *qualquer momento*. Assim, o esquecimento dos acontecimentos distantes só se daria devido à ação do tempo que, irrefreavelmente, desgasta nossas recordações e uma vez esquecidas, estas recordações não mais atuariam sobre o psiquismo e sobre a consciência. Em outras palavras, entende-se usualmente a memória ou, melhor, a rememoração, o recordar e o esquecer como faculdades controladas, por assim dizer, pela nossa consciência. Deste modo, seria possível evocar a qualquer momento nossas recordações, nossos afetos, nossas lembranças, nossos desejos e nossos fantasmas que, irrefletidamente, presumimos ter superado, enterrado ou, em suma, *esquecido*. A memória, seus mecanismos e suas funções possuiriam, portanto, um caráter de *passividade*: recordamos o que queremos e quando queremos. Esquecemos os acontecimentos na medida em que nos distanciamos temporalmente deles, e um uma vez esquecidos dificilmente voltaremos a recordá-los, pois o que já foi “dispensado” da consciência, já não exerceria ou exigiria nenhum trabalho do psiquismo. Desta forma, a memória e o esquecimento são compreendidos como uma dinâmica, administrada por uma espécie de “sistema central consciente”, ordenado e “não-criativo”.

Ora, na teoria psicanalítica, a memória é compreendida como uma instância ou, mais exatamente, como uma faculdade que através do esquecer-se e do recordar-se manifesta-se como uma *atividade* exprimindo assim uma relação de forças fundamental, forças estas que se imbricam, se chocam e, juntamente, jogam com recordações, falsas lembranças, traumas etc. Consideramos digno de nota, também, salientar o fato de que o tema “memória” acompanha a psicanálise desde os seus primórdios. Podemos dizer que a memória, suas potências, o recalque, a resistência e a transferência são o fundamento desta “ciência do inconsciente”, estando em lugar privilegiado na etiologia das neuroses.

A partir destas noções preliminares, tencionamos nas páginas a seguir, fazer uma análise rigorosa sobre como o inventor da psicanálise compreende a memória, desde os seus primeiros escritos, para então desembocarmos nas análises sobre a repetição e a relação deste fenômeno com a teoria das pulsões de Freud. Mais que isso, objetivamos expor as vicissitudes pelas quais a memória, o recordar e o esquecer se entrelaçam, se entrecruzam, se disputam, se velam e se desvelam. Com estes propósitos postos, passemos, pois, para nossa pesquisa.

2.1 O RECORDAR E O ESQUECER

No texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, de 1901, Freud faz uma análise dos processos psíquicos, dos mecanismos, das dinâmicas ou, mais exatamente, das forças e relações de forças responsáveis, como ele próprio afirma, pela “natureza tendenciosa do funcionamento de nossa memória” (FREUD, 2009, p. 59). Nessas investigações, Freud desenvolve, amplia e define várias de suas principais teses acerca da memória e do funcionamento do inconsciente. Em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, o inventor da psicanálise toma como objeto de estudos os “atos falhos” (*Fehlleistungen*). É expressamente neste texto que Freud sublinha o caráter seletivo da memória, que é permeada de forças e desejos inconscientes subjacentes ao seu funcionamento.

Ainda em *Sobre a psicopatologia*, logo em seu primeiro capítulo, Freud chama a atenção para um fenômeno curioso e muito comum no dia-a-dia das pessoas ditas “normais”: o esquecimento de nomes e, de maneira geral, os *lapsos da linguagem*. Estes são esquecimentos momentâneos de nomes próprios ou de palavras por outras. Esses nomes nos “escapam” da consciência no momento em que estamos para pronunciar ou enunciar determinado pensamento. No lugar da palavra perdida, geralmente, emergem à nossa consciência outras palavras, outros nomes, que logo sabemos não se tratar da palavra que queríamos realmente enunciar. Para Freud, estas omissões ou estes esquecimentos são sintomáticos, na medida em que expressam uma *resistência* dos pensamentos *recalcados*. Isto quer dizer que essas lacunas, esses espaços ou essas fissuras na linguagem são a expressão do inconsciente, são falhas que representam forças e um conflito de forças que trabalham, por assim dizer, por trás da consciência.

No primeiro capítulo de *Psicopatologia*, Freud submete à análise a fuga de um nome próprio, esquecido por ele mesmo (2009, p. 19). O nome que fugira de sua memória era do famoso pintor dos afrescos da Catedral de Orvieto, *Signorelli*. Neste caso, os nomes “substitutos” que se apresentavam no lugar do nome Signorelli eram Boltraffio e Botticelli, outros pintores renascentistas. Não examinaremos aqui, de maneira exaustiva, a autoanálise empregada pelo inventor da psicanálise, visto que esse não é nosso objetivo principal. No entanto, é necessário expô-la brevemente, para elucidarmos alguns mecanismos da memória. Desenvolvamos.

Freud voltava de Ragusa, na Dalmácia, com destino à *Herzegovina*. Em uma cabine de trem, conversava com um desconhecido sobre viagens à Itália. Perguntou-lhe então se conhecia os famosos afrescos das “Quatro Últimas Coisas” na Catedral de Orvieto, e quando foi fazer referência ao artista... *não lembrava do seu nome!* (FREUD, 2009, p. 20). Para o psicanalista, esta “falha” era a expressão ou a manifestação da influência de resistências, pois o nome perdido do pintor era muito bem conhecido por ele, por isso dificilmente poderia esquecê-lo. De resto, sobre os pintores e os nomes que se apresentavam como “substitutos”, Freud afirma que pouco os conhecia e, muito provavelmente, menos do que conhecia daquele cujo nome procurava lembrar-se. É importante ressaltar o que Freud nos aponta logo no início deste capítulo, a saber, que estes nomes, em nossa vontade de reevocar o nome esquecido, surgem-nos como substitutos e, como afirma Freud: “reconhecemos de imediato que são incorretos, mas eles insistem em retornar e se impõem com grande persistência” (FREUD, 2009, p. 19). O inventor da psicanálise ainda completa: “o processo que deveria levar à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, *deslocado*, e por isso conduziu a um substituto incorreto.” (FREUD, 2009, p. 19). Desta forma, é através do trabalho da análise que se elucidam, se representam e se simbolizam os *vínculos associativos* entre os pensamentos recalçados e os pensamentos para o qual a nossa *atenção foi deslocada*. Assim, o trabalho analítico tenta desmontar as resistências: ele refaz, de maneira retrógrada, o caminho efetuado pelo deslocamento e pela censura de pensamentos.

Tendo essas hipóteses como ponto de partida, Freud narra a análise sobre o esquecimento do nome Signorelli. Em associação, pouco antes do episódio do esquecimento e durante a conversa com o desconhecido, Freud lembra que contava ao seu companheiro de viagem a respeito dos costumes dos turcos residentes da região da *Bósnia* e *Herzegovina*. Dizia ele que os turcos eram pessoas muito

complacentes com os médicos, principalmente quando cabia ao doutor noticiar uma doença em fase terminal ou mesmo a morte de algum paciente. Nesses casos, os turcos respondiam aos médicos: “*Herr* [Senhor], o que há de dizer? Se fosse possível salvá-lo, sei que o senhor o teria salvo.” (FREUD, 2009, p. 20). Neste íterim, Freud lembrou de uma outra característica daquele povo: depositavam demasiada importância em sua potência sexual e no gozo obtido através do coito. Segundo os costumes dos turcos, afirma Freud, se algum homem desse povo, por algum acaso, descobrisse que estava impotente sexualmente ou infértil, eles dizem aos médicos: “Sabe *Herr*, quando *isso* acaba, a vida não tem nenhum valor” (FREUD, 2009, p. 21). Freud pensou então que seria indelicado tratar de assuntos como a sexualidade com alguém que acabara de conhecer, por isso não deu continuidade à sua corrente de pensamentos. Lembrou-se então que semanas antes desta viagem, enquanto estava hospedado em *Trafoi*, recebera a triste notícia de que um paciente cometera suicídio, devido às graves perturbações psíquicas relacionadas aos seus problemas sexuais incuráveis.

Desta forma, seguindo o caminhostas *associações livres*, Freud notou e pôde concluir que o esquecimento do nome *Signorelli* desviou sua atenção de pensamentos que se *associavam* com o tema da “morte” e da “sexualidade”. Ele decompôs o nome e estabeleceu as seguintes associações: **Signor**– *Herr*(senhor) – *Herzegovina* – o tema “morte” e “sexualidade” na concepção turca – pensamentos associados ao paciente a serem evitados (morte e sexualidade); e **elli**– *Botticelli* – *Bósnia* e *Boltraffio*; por sua vez *Boltraffio* – *Trafoi* (cidade em que recebera a notícia) – novamente chega-se aos pensamentos sobre o paciente a serem evitados (morte e sexualidade); ora, podemos compreender então que os pensamentos em torno da notícia recebida em *Trafoi* era o motivo do esquecimento do nome *Signorelli*, pois este se associava aos assuntos discorridos anteriormente durante a conversa (costumes dos turcos da região da Bósnia e Herzegovina), e esses assuntos se associavam à lembrança do suicídio do paciente. Lembrança e pensamentos que não deveriam emergir à consciência. Eles deveriam ser evitados, segundo Freud, pelo fato de serem *desprazerosos*.

Mais à frente, seguindo essa corrente de associações, entre os nomes substitutos e as lembranças desses assuntos discorridos com o desconhecido, Freud considerou que o esquecimento do nome *Signorelli* não fora um mero acaso, tampouco uma falha sem significado. Pelo contrário, o nome esquecido possuía

ligações associativas com os pensamentos da notícia recebida em Trafói, notícia esta que *queria esquecer, por lho ser desprazerosa*. Nas palavras de Freud:

Eu quero, portanto, esquecer algo; havia *recalcado* algo. É verdade que não queria esquecer o nome do artista de Orvieto, mas sim outra coisa – essa outra coisa, contudo, conseguiu situar-se numa conexão associativa com o seu nome, tanto eu meu ato de vontade errou o alvo e esqueci *uma coisa contra a minha vontade*, quando queria *esquecer intencionalmente outra* (FREUD, 2009, p. 21)¹.

Assim, notamos uma *tendência*, uma espécie de inclinação do funcionamento da psique para *resistir* ou evitar lembranças e pensamentos que são associados a conteúdos que deveriam se manter *recalcados*. Em outras palavras, resistências se levantam contra pensamentos potencialmente desagradáveis à nossa consciência.

Ao longo do segundo e terceiro capítulos da *Psicopatologia*, Freud analisa diversos exemplos de esquecimento de nomes e palavras. Ele nota então que esses esquecimentos seguem uma espécie de padrão e que é possível introduzir uma certa ordem e, conseqüentemente, um método de análise que poderia dar luz aos mistérios em torno desses fenômenos de esquecimento e *falhas* na linguagem. O que ele pôde asseverar de maneira mais enfática após todos os exemplos analisados é, justamente, o caráter plástico da memória. Ora, Freud percebeu que grande parte das nossas lembranças se acham inacessíveis à consciência, e que estas são representações ligadas a forças que *resistem* e *colidem* com outras forças.

O que o médico neurologista pôde deduzir é que as funções, os esquecimentos, o registro e conservação de pensamentos, lembranças e representações eram regidas, por assim dizer, por desejos inconscientes, ou seja, que os conteúdos recalcados, aquelas representações e lembranças rechaçadas do pensamento consciente, ao mesmo tempo que são carregadas de afetos, *resistem à rememoração*. Sendo assim, são conteúdos que exercem certa influência sobre os pensamentos conscientes a serem exprimidos, na medida em que se estabelece uma conexão associativa entre eles, ou uma espécie de *compromisso* (FREUD, 2009, p. 24).

Podemos afirmar, segundo Freud, que estes conteúdos recalcados, que resistem à rememoração, mas que através da associação poderiam tornar-se conscientes são os motivos, por assim dizer, para o deslocamento e para o

¹ Todas as citações de Freud que contêm itálicos são do próprio autor, exceto quando houver menção explícita da nossa parte.

esquecimento de nomes, para os lapsos, e os motivos também para os atos falhos. Ao esquecermos algo, existe por trás desse fenômeno um *verdadeiro* esquecimento, uma representação, um pensamento, em suma, conteúdos recalçados e, sobretudo, ativos e influentes, do ponto de vista do econômico (FREUD, 2009, p. 32). Mas como e por que um pensamento recalçado influencia na atenção e na vontade *consciente* do sujeito, dado que o próprio processo do recalque, que se instaura a partir de fortes resistências do sujeito? Para Freud, “entre os motivos para essas interferências destaca-se o propósito de evitar que as *lembranças despertem desprazer*” (FREUD, 2009, p. 56). Sendo assim, constatamos que esquecemos, resistimos e recalcamos para evitar o desconforto e o desprazer que nos acarretaria a reprodução, a rememoração ou, mais exatamente, a *conscientização* de determinada lembrança, seja porque a própria lembrança é desagradável ou se se associa à moções e desejos inconscientes. E todo esse processo acontece num nível abaixo da consciência do sujeito: resistimos, mas não sabemos que o fazemos. As forças que agem e pressionam a partir do inconsciente estão a todo momento se *inter-relacionando*, ora concordando, ora discordando, colidindo, e pressionando em direção ao consciente.

De fato, é como defesa que agem as resistências, contra lembranças e representações que nossa consciência evita, por assim dizer, a enunciação de palavras que se associam ou que nos remetessem diretamente a estas lembranças penosas. Assim, nos protegemos do desprazer e da dor. Com isto, queremos ressaltar justamente aquela característica já explicitada ao longo deste estudo: a de que a memória e suas funções estão a serviço de uma dinâmica e de condições que escapam à nossa atenção consciente. Assim, podemos compreender mais claramente as questões em torno do funcionamento da rememoração, e como esta pode - e vai - cometer erros, lapsos e equívocos.

A partir dessas considerações, podemos avançar em nossa investigação. Até aqui, verificamos a análise de um caso de esquecimento, seus motivos e influências. Observamos e asseveramos aquilo que Freud nos salientou ao longo das análises por ele efetuadas sobre diversos casos de atos falhos, isto é, a memória, o recordar e o esquecer estão subjugados a forças que desconhecemos, que é mais forte do que nossa simples atenção consciente. Por meio desses esquecimentos, evitamos o desprazer da rememoração, e ao mesmo tempo cumprimos com os compromissos

exigidos por resistir a esses pensamentos e experiências esquecidas, mas jamais aniquiladas ou perdidas completamente.

Com estas hipóteses em claro, Freud passa a analisar outro fenômeno que se manifesta na maioria das pessoas no dia-a-dia e que será o tema de nossa próxima seção, as chamadas *lembranças encobridoras* (*Deckerinnerung*). Ao constatar que diversos fenômenos que aparentam ser “inexplicáveis” da vida anímica podiam ser elucidados por meio da psicanálise, Freud começa a tomá-los como objetos de análise e, assim, consolida ainda mais suas hipóteses em torno da rememoração. Passemos, pois, adiante.

2.2 LEMBRANÇAS ENCOBRIDORAS

Como *lembranças encobridoras*, compreende-se como aquelas lembranças de um passado remoto. Entretanto, sua principal característica consiste em que essas recordações, muitas vezes extremamente claras até na vida adulta, são totalmente indiferentes. Isso significa que, a princípio, o conteúdo destas recordações não se mostra relevante em alguns sentidos, enquanto outras lembranças, aparentemente insignificantes, se impõem com extrema clareza à memória. Laplanche e Pontalis definem lembrança encobridora da seguinte maneira:

Lembrança infantil que se caracteriza ao mesmo tempo pela sua especial nitidez e pela aparente insignificância dos eu conteúdo. A sua análise conduz as experiências infantis marcantes e as fantasias inconscientes. Como o sintoma, uma lembrança encobridora é uma formação de compromisso entre elementos recalcados e a defesa (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: Lembrança encobridora).

Ora, seguindo o passo dessas descobertas, de que a memória é seletiva, móbil, jogada e plasmada por forças das quais o sujeito não tem consciência, podemos inferir que a memória mantém vividas essas lembranças indiferentes e com especial persistência porque estas se encontram *ligadas associativamente* às lembranças e às representações realmente relevantes e carregados de afeto, que demandam um investimento altíssimo para manutenção de resistências, para mantê-las recalcadas. Notamos aqui também aquele “compromisso”, que significa que já que determinada lembrança ou determinada representação carregadas de afeto, ativas do ponto de vista econômico, por algum *motivo*, não podem ser assimiladas de forma consciente. Esses conteúdos se utilizam de associações, que podem se

estabelecer a partir de semelhanças semânticas ou semelhanças pictóricas com outras lembranças afetivamente indiferentes. Essas lembranças que tem acesso ao consciente cumprem com o compromisso estabelecido pelo afeto da lembrança encobrida. Segundo o próprio Freud, ainda em *Psicopatologia da vida cotidiana*:

As lembranças indiferentes da infância devem sua existência a um processo de *deslocamento*: são substitutas, na reprodução [mnêmica], de outras impressões realmente significativas cuja reprodução direta é impedida por uma *resistência*. De vez que as lembranças indiferentes devem sua preservação, não a seu próprio conteúdo, mas há um *vínculo associativo* entre seu conteúdo e outro que está recalcado, elas podem fazer jus ao nome “lembranças encobridoras” (FREUD, 2009, p. 59).

Para o inventor da psicanálise, existem diferentes relações temporais entre as lembranças encobridoras e as lembranças encobridas. Em primeiro caso, existem aquelas lembranças que foram encobertas, “transfiguradas”, condensadas e deslocadas *retroativamente*, ou seja, existe uma lembrança indiferente de épocas passadas que se associa a uma lembrança relativamente afetuosa de época mais recente, assim, a encobre. Desta forma, torna-se possível a rememoração apenas daquela que é indiferente, ao mesmo tempo que exige as demandas do compromisso para com as resistências.

Em um segundo caso, este mais frequente que o primeiro, segundo Freud, lembranças advindas de épocas remotas – sobretudo as lembranças infantis – são deslocadas e associadas às lembranças futuras em relação a ela. Assim, nossa memória se utiliza de um material adquirido durante a vida *após* a infância, passa a disfarçar, velar ou, em suma, encobrir, fantasias, delírios e recordações marcantes, que foram vividas naquela remota época. Aqui, o *deslocamento* da memória é “progressivo”. A lembrança da infância carregada de afeto é escondida por uma lembrança mais recente e indiferente (FREUD, 2009, p. 60). O sujeito se recorda de um acontecimento como sendo antigo, quando, na realidade, ele é recente.

Por fim, existe um terceiro caso: daquela lembrança que, segundo as próprias palavras de Freud, “vincula-se à impressão encoberta não só por seu conteúdo, mas também pela contiguidade temporal: estas são as lembranças encobridoras *simultâneas* ou *contíguas*” (FREUD, 2009, p. 60).

Apesar destas diferenciações, e levando-se em conta a *atemporalidade* do inconsciente, atentamos para o fato da importância do *deslocamento* (*Verschiebung*), seja ele “para frente”, ou “para trás”. Tanto nos sonhos, no esquecimento de nomes

próprios e nos atos falhos de maneira geral, com também nas lembranças encobridoras, o mecanismo do deslocamento é de suma importância, pois é graças a ele que se pode estabelecer uma ligação com o conteúdo recalçado e, assim, atender as demandas do compromisso, pois esse conteúdo não cessa de pressionar o caminho em direção à consciência, e pôr em jogo as defesas e resistências do sujeito. Estamos diante de *resistências* que agem contra representações. Segundo o *Vocabulário de Psicanálise*, Laplanche e Pontalis definem o mecanismo do deslocamento em tais palavras:

Fato de a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de se destacar para passar a outras representações originalmente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa. Este fenômeno, particularmente visível na análise do sonho, encontra-se na formação dos sintomas psiconeuróticos e, de modo geral, em todas as formações do inconsciente. A teoria psicanalítica do deslocamento apela para a hipótese econômica de uma energia de investimento suscetível de se desligar das representações e de deslizar por caminhos associativos (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: Deslocamento).

Assim, se nos perguntarmos pelo motivo da sobrevivência destas lembranças e representações indiferentes e procurarmos uma resposta em seu próprio conteúdo, nada encontraríamos. Mas se estabelecermos vínculos associativos entre estas lembranças indiferentes e os pensamentos que elas nos evocam, ou seja, se submetermos estas recordações à psicanálise, encontraremos o motivo de sua persistência: alguma lembrança afetivamente carregada se associa a esta lembrança indiferente e se “esconde”, como forma de compromisso, por trás dela. Destarte, *a importância, o interesse e a intensidade são deslocados da primeira para a segunda.*

Ora, o que há de surpreendente, como já asseveramos, em relação às lembranças encobridoras é a permanência das impressões da infância. Parece-nos estranho, ao mesmo tempo surpreendente, o fato de a nossa memória manter intacta uma lembrança tão antiga e sem nenhuma importância aparente. No entanto, como já mencionamos, estas lembranças são apenas disfarces, ou a expressão de um compromisso, na medida em que elas suprimem outras representações e recordações que despertariam dor, desprazer ou dissabor. Para corroborar esta hipótese, Freud afirma:

Dentre lembranças infantis conservadas, algumas nos parecem perfeitamente inteligíveis, ao passo que outras parecem estranhas ou incompreensíveis. Não é difícil corrigir alguns erros quanto a ambas as espécies. Quando as lembranças conservadas pela pessoa são submetidas à investigação analítica, é fácil determinar que nada garante sua exatidão. Algumas das imagens mnêmicas certamente são falsificadas, incompletas ou deslocadas no tempo e no espaço (FREUD, 2009, p. 62).

Sublinhemos que, além destas falsas recordações estarem suprimindo representações latentes que resistem à rememoração por vias convencionais, elas mesmas, as recordações, já passaram por uma censura. Elas já foram distorcidas, plasmadas e moldadas, provavelmente pela mesma força, ou forças, que mantêm e sustentam resistências contra essas lembranças. Nas palavras do próprio Freud:

Assim, somos forçados por diversas considerações a suspeitar de que, das chamadas primeiras lembranças da infância, não possuímos o traço mnêmico verdadeiro, mas sim uma elaboração posterior dele, uma elaboração que talvez tenha sofrido a influência de uma diversidade de forças psíquicas posteriores. Portanto, as “lembranças da infância” dos indivíduos adquirem *universalmente*²o significado de “lembranças encobridoras” (FREUD, 2009, p. 63).

Isso quer dizer que *todas* as lembranças que possuímos advindas da infância possuem um caráter encobridor. Devemos sempre ter um olhar cauteloso e atento as lembranças dos primeiros anos da vida, pois elas podem – e vão – nos enganar.

Com efeito, elas estão a serviço de um compromisso e podem auxiliar na manutenção das resistências sobre as lembranças e afecções infantis. De maneira geral, *as lembranças infantis já são lembranças encobridoras*. Da mesma forma como acontece nos atos falhos, o deslocamento, o recalque e a resistência são mecanismos que visam um objetivo: evitar o desprazer que desencadearia caso alguma daquelas lembranças ou representações acessassem os pensamentos consciente do sujeito. Consequentemente, estas lembranças já apontam para um conflito fundamental, sito é, para uma *ambivalência* inerente à própria vida anímica. Uma guerra de impulsos que não cessa e que joga com todo funcionamento psíquico. Como pondera o inventor da psicanálise:

Há duas forças psíquicas envolvidas na promoção desse tipo de lembranças. Uma dessas forças encara a importância da experiência como um motivo para procurar lembra-la, enquanto a outra – uma resistência – tenta impedir que se manifeste qualquer preferência dessa ordem. (FREUD, 1969, p. 290)

² Itálico nosso.

Encontramos assim o *motivo para a conservação* e manutenção destas “falsas lembranças”. Ademais, verificamos que para *evitar uma sensação desprazerosa*, alguns mecanismos específicos desempenham a função de plasmar e modelar as lembranças, deslocando-as através da história do próprio sujeito. Observamos que o mesmo se passa com outros fenômenos, como nos *lapsi linguae* e nos atos falhos em geral. Nestes casos, também os mecanismos deslocam e desviam a atenção consciente do sujeito para outras palavras, outras associações de ideias. E no caso de esquecimentos, esses mecanismos ajudam a omitir significantes capazes de tocar, por meios associativos desconhecidos ao sujeito, em lembranças e representações desprazerosas.

Agora, podemos nos perguntar: por quais motivos algo é compreendido como desprazeroso? O que o classifica assim? Por que evitar, fugir, ou, em uma palavra, *resistir* com tanta impetuosidade a estes pensamentos, sobretudo lembranças infantis? Segundo o inventor da psicanálise, de modo geral, as resistências que se instauram contra representações infantis – resistências que trabalham para estabelecerem as associações para assim esconderem as lembranças e afetos originais – se esforçam por evitar que o sujeito tenha contato com representações extremamente embaraçosos. Estas representações se encontram recalçadas há muito tempo, justamente por levantarem sentimentos egoístas, desprazerosos, fantasias e desejos inconscientes, que de maneira geral estão ligados à sexualidade na fase infantil.

Após tentarmos elucidar este *modus operandi* da memória, outras interrogações surgem naquilo que diz respeito às lembranças que se deslocam e se associam umas às outras. Para responder a estas questões, devemos, aténs de tudo, explorar com mais atenção e cuidado outros conceitos que Freud desenvolveu e ampliou ao longo de sua experiência analítica. Como pode nossa atenção ser desviada ou, melhor, *deslocada* de uma ideia, de uma representação para outra? Como e onde essas lembranças se alojam? É o que objetivos esclarecer na próxima seção.

2.3 A MEMÓRIA COMO REGISTRO

A partir da experiência analítica, com os chamados psiconeuróticos – sobretudo com histéricos e histéricas –, Freud nota que a memória, o esquecer e o lembrar desempenham uma função central para o desencadeamento dos sintomas. Segundo suas próprias palavras:

Se o objetivo prático do tratamento é eliminar todos os sintomas possíveis e substituí-los por pensamentos conscientes, podemos considerar como segundo objetivo, de cunho teórico, *reparar todos os danos à memória do paciente*. Esses dois objetivos são coincidentes: quando se alcança um, também o outro é atingido; um mesmo caminho condiz a ambos (FREUD, 2009, pp. 28-29).

Assim, sabemos que, de acordo com a teoria psicanalítica, os sintomas histéricos e neuróticos são manifestações ou, melhor dizendo, são representações de conteúdos e afetos recalçados que são deslocados por vias alternativas, isto é, *através dos sintomas*. Dessa forma, os sintomas histéricos se exprimem pelos atos falhos e pelas lembranças encobridoras, analisadas na seção anterior. São caminhos alternativos, por assim dizer, que o aparelho psíquico toma para descarregar energias por demais concentradas e que, portanto, causa tensão e dor: compromete o bom funcionamento do psiquismo. Neste momento, surge-nos de novo a questão de como nossa *atenção* pode ser desviada de um pensamento para outro através de associações. Esses desvios criam falhas e lacunas na memória, que são, elas próprias, sintomas. Para obtermos uma resposta a essa pergunta, devemos, portanto, explorar mais a fundo a descrição *tópica e econômica* que Freud faz do aparelho psíquico.

Encontramos uma primeira definição de aparelho psíquico e, conseqüentemente, uma explicação sobre como funciona o registro da memória, no *Projeto para uma psicologia científica* (1895). É, pois, nesse texto que se encontram aquelas questões fundamentais da psicanálise em forma de intuições, que Freud irá explorar e desenvolver com mais precisão no célebre sétimo capítulo de *A Interpretação dos Sonhos* (1900).

Para compreendermos a concepção de *memória* que Freud desenvolveu no *Projeto*, analisaremos as principais teorias levantadas naquela obra. Nesse texto, como já mencionamos, o inventor da psicanálise examina o funcionamento do aparelho psíquico baseado na teoria dos neurônios, que na época da sua dissertação era

revolucionária. Aqui, ele analisa questões relativas à consciência, à percepção, aos estímulos e à memória. Uma memória como registro, inscrição ou, em termos freudianos, *facilitação*. Mas como se desenvolve a explicação que Freud dá em relação a essas perguntas? Como a memória registra as lembranças? Nossa próxima seção tentará responder essas questões.

2.3.1 O sistema psi e ômega

A intenção de Freud ao escrever o *Projeto para uma psicologia científica* era clara e bem definida por ele próprio logo no início do texto: “Prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis” (FREUD, 2009, p. 347). A sua intenção neste momento era a de buscar um fundamento físico, material ou, em uma palavra, *empírico* para suas teorias psicológicas acerca do funcionamento da memória e do lembrar.

A primeira consideração de Freud foi a de que o sistema central possui como partícula material os *neurônios*. Uma cadeia, ou melhor, uma *rede* com várias dessas células forma o “tecido” de nosso sistema nervoso central. Para o inventor da psicanálise, esta rede é excitável, na medida em que é apta a receber determinada *quantidade* de estímulos, tanto externa quanto internamente. É importante ressaltar que esta quantidade é uma energia em estado de constante fluxo entre os neurônios. Esta carga, advinda do exterior do corpo, que Freud doravante denominou pela letra “Q”, invade e anima nosso sistema nervoso, transformando-se então na causa que despertaria o primeiro movimento do ser vivo. A primeira função do sistema nervoso seria, pois, a função de *descarga*. Essa função dos neurônios, que Freud chamou de *princípio de inércia*, pode ser compreendida como a responsável pela manutenção do acúmulo desta carga energética no aparelho psíquico (FREUD, 2009, p. 348).

Dessa forma, para lidar com as quantidades de estímulos advindas do mundo exterior, que excitam nosso sistema central, nosso aparelho desenvolveu esse “movimento reflexo”, que requer energia proporcional a da sua excitação, para ser realizado e descarregado de qualquer tensão. Para isso, nosso aparelho central faz uso das inervações para, assim, efetuar a descarga de Q. Freud ainda afirma o

seguinte: “São preferidas e conservadas aquelas (vias de descarga) que envolvem a cessação do estímulo: *fuga do estímulo*.” (FREUD, 2009, P. 348). Destarte, podemos compreender tal fuga como um movimento mecânico desempenhado pelo sistema nervoso através do próprio corpo, com a finalidade de evitar, escapar e desviar daqueles estímulos desprazeroso advindos do mundo externo. Ora, o aparelho psíquico então passa a ser compreendido como um *aparelho reflexo* que se divide em percepção e movimento de descarga.

Seguindo suas investigações acerca deste universo de energia e forças, Freud se depara com outro problema, a saber, que existe também outra qualidade de excitações, mas que desta vez não provém do mundo externo e sim, do *interior* do próprio organismo. Forças internas.

Com esses estímulos, nosso aparelho pé incapaz de descarrega-los a partir da ação mecânica ou da fuga do estímulo. Isso é impossível justamente porque esses estímulos são originários de nosso próprio corpo. São exigências internas do soma. Em outras palavras, nosso corpo é também, ele próprio, *fonte* de estímulos que necessitam de serem exprimidos, assimilados, ou em suma, exteriorizados. Freud chamou esses estímulos de *estímulos endógenos*.

Provindo do interior do corpo, esses estímulos são os causadores das grandes necessidades da vida, como, por exemplo, a fome, a sede, o desejo sexual etc. Nesta dimensão, o mecanismo de atuação para ser efetuada a descarga da tensão acumulada deve ser diferente, já que a fuga não se aplica sobre o próprio corpo. Segundo Freud, ao chamar esta energia interna de “necessidade da vida”, precisamos compreender, antes de mais nada, que o nosso aparelho psíquico não mais pode reduzir a tensão suscitada a zero, pois o “não mais sentir fome” é o mesmo que a morte do organismo. Por um lado, nosso aparelho precisa trabalhar e tolerar certa *quantidade de tensão mínima e principalmente constante*. Nas palavras de Freud:

“O sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (isto é, reduzir o nível da Q_n a zero). Precisa tolerar [a manutenção de] um acúmulo de Q_n suficiente para satisfazer uma ação específica” (FREUD, 2009, p. 349). Por outro lado, porém, Freud não abandona completamente sua primeira consideração da função do aparelho psíquico relativa à tendência dos neurônios em reduzirem a zero a tensão originária das excitações. Neste sentido, porém, os neurônios passariam a

manter esta carga ou esta tensão no mais baixo e constante nível possível. É isso que define a *segunda função* do sistema nervoso (FREUD, 2009, p. 349).

Como já mencionamos, o aparelho psíquico é incapaz de lidar, ou seja, de trabalhar, assimilar e descarregar aqueles chamados “estímulos endógenos” da mesma forma que faz com os estímulos externos ou, como Freud o chama, “estímulos exógenos”. Para isso, o aparelho se vale de uma “ação específica”. O *Vocabulário de psicanálise* define uma ação específica deste modo:

Termo utilizado por Freud em alguns de seus primeiros escritos para designar o conjunto de processos necessário à resolução da tensão interna criada pela necessidade: intervenção externa adequada e conjunto das reações pré-formadas do organismo que permitem a realização do ato (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: Ação Específica).

Dito de outra maneira, a tensão gerada em nosso sistema pelas excitações internas encontra somente no mundo externo caminhos para a sua realização ou, melhor, para sua assimilação e descarga. Aqui, consideramos importante lembrar que, para Freud, o aparelho psíquico é o resultado extremamente complexo de um trabalho de excitações que incidiam constantemente sobre determinada porção de um organismo vivo mais elementar, que se obrigou a processar e assimilar as excitações através de um sistema, ou melhor, um aparelho apto a esta função. Tendo isso como ponto de partida, o inventor da psicanálise concebe este aparelho como um *aparelho reflexo*, cuja função é, primeiramente, receber, – melhor dizendo – *perceber* aqueles estímulos, integrando-os e, por fim, descarregando-os através do sistema motor.

Continuando sua investigação acerca deste universo psíquico permeado de forças e impulsos, e combinando suas observações clínicas, o inventor da psicanálise chega à sua primeira descrição do aparelho psíquico. Nesta altura, Freud se vê obrigado a diferenciar os neurônios em classes diferentes, que possuem funções específicas e seguem determinado padrão conforme sua orientação. Isso porque a questão que obsidiava Freud era: como um sistema é capaz de *perceber* e receber as excitações – endógenas e exógenas – e, ao mesmo tempo, gravar e conservar traços em forma de lembranças? Deste modo, este esquema do aparelho psíquico viria responder a esta questão.

Dividindo os neurônios em duas classes, Freud pôde atribuir a um deles a função de *percepção* e a outro a função de *conservação*. A primeira classe de

neurônios teria de ser composta por neurônios que permitem a *passagem livre* das quantidades de excitação, de maneira a não reter nenhuma carga e não se alterar de forma definitiva. Já a segunda classe, responsável pela memória, seria composta por neurônios que, com a passagem da quantidade de excitação, ficassem “alterados”, ou seja, fossem capazes de conservar como um traço, ou um *vestígio*, as excitações que os invadem. Para a primeira classe de neurônios, aqueles responsáveis pela percepção, Freud denominou-os pela letra grega ϕ (fi minúsculo) e a segunda classe, aqueles neurônios responsáveis pelo registro de memória, chamou-os pela letra ψ (psi minúsculo).

Ora, através do sistema ϕ , ou simplesmente, sistema Pc (percepção), acontece o fenômeno da consciência, denominado por Freud, no *Projeto*, pela letra grega ω (ômega minúsculo). Pela consciência compreende-se a dimensão subjetiva, psicológica, do sujeito, como resultado qualitativo das sensações que o sistema Pc recebe e percebe. Desta maneira, a consciência é para o sistema ϕ o mesmo que os vestígios mnêmicos são para o sistema ψ , ou seja, sua função e resultado. Por isso, ao longo de maior parte de sua obra, Freud vai juntar o sistema Pc ao fenômeno da consciência, chamando-os de *sistema percepção-consciência*, ou simplesmente Pc-Cs: este sim responsável pela percepção consciente do sujeito. Do ponto de vista tópico, a consciência, por achar-se ligada essencialmente ao sistema Pc, está situada também na parte mais externa do aparelho, apta a receber estímulos que invadem o sistema Pc e transformá-los em qualidades ou, melhor dizendo, em *sensações*. Do ponto de vista econômico, o sistema Pc-Cs não retém nenhum traço e não se altera pela passagem das excitações. Ou seja, sua anatomia permitiria o livre trânsito de quantidades (Q). Desta forma, graças a essa última característica, o sistema Pc-Cs é apto também a sobre-investir determinada qualidade que o irrompe. Para este sobre-investimento, Freud deu o nome de “atenção”. Segundo Laplanche e Pontalis, novamente em seu *Vocabulário*, este sobre-investimento aparece como:

Aplicação de um investimento suplementar a uma representação, uma percepção, etc., já investida. Este termo aplica-se sobretudo ao processo de atenção, no quadro da teoria freudiana da consciência (LAPLANCHE A PONTALIS, 2001, art.: Sobre-investimento).

Dito isso, podemos passar a analisar aquela segunda classe de neurônios, aquele sistema responsável, segundo Freud, pela memória: o sistema ψ . NO que

concerne à esta classe, como já mencionamos, Freud atribui a função da memória, mas uma memória como um registro, uma inscrição. Segundo o inventor da psicanálise, este sistema psi, ao contrário do sistema Pc-Cs, resiste à passagem das quantidades que o irrompe, oferecem uma *barreira de contato*. Desta forma, ao passarem por este sistema, as quantidades advindas do exterior deixam atrás de si uma alteração permanente nas células, a que Freud deu o nome de *facilitação*.

Nessa facilitação, nesse traço, nessa inscrição é que reside o conceito de memória, mas como já mencionamos, uma memória caracterizada como um traço inscrito.

Ora, aqui passamos a compreender a memória então como uma trama, como uma rede de alterações que Freud chama de *vestígios mnêmicos*. Como afirma Rogério Miranda de Almeida, em seus estudos sobre a memória segundo Freud: “a memória é, portanto, a função que se refere a este vestígio e, neste sentido, ela se apresenta como uma força ou uma dinâmica que, justamente, conserva um traçado. Um registro, um arquivo ou, em suma, uma inscrição. (ALMEIDA, 2016, p. 35). Assim, estes traços que permanecem conservados no sistema psi estabelecem ligações entre si e formam um complexo associativo de representações e lembranças. Essas associações, por se acharem conectadas umas às outras, diminuem as resistências entre si e abrem caminho, por assim dizer, um caminho facilitado, que será, no futuro, o caminho de preferência das novas excitações. (ALMEIDA, 2016, P.36-37)

Neste ponto, chegamos a um dos conceitos mais importantes da psicanálise, o da *associação*. Este termo acompanha a psicanálise desde os seus primórdios, e desempenha uma das funções mais importantes, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático. A psicanálise não funcionaria sem as associações.

Segundo a regra fundamental da clínica psicanalítica, o analisando, durante as sessões, deve dizer ao analista *a primeira coisa que lhe vir à cabeça*, sem aplicar qualquer juízo de valor ou censura. Desta forma, segundo Freud, é possível que o analista observe como os pensamentos se encontram ligados, e quais são seus pontos nodais.

Como já apontamos, de um lado, o consciente se acha ligado fundamentalmente ao sistema percepção (Pc-Cs), compreendido como uma espécie de resultado, como um fenômeno que resulta da conversão dos estímulos em qualidades de excitação. Por outro lado, não menos óbvio, a memória ou, em termos

freudianos, os sistemas mnêmicos, sendo uma função do sistema psi, que possui a capacidade de conservar vestígios de excitações como registros, em forma de inscrição, possuem essencialmente um caráter inconsciente por esse motivo a memória, o recordar e o esquecer encontram-se nas bases da sintomatologia da maioria das afecções psíquicas, como a histeria e a neurose de transferência. Desta maneira, o trabalho da psicanálise seria justamente fazer com que o analisando se lembre de sua história e, principalmente, supere suas resistências.

Essa resistência seria então, justamente, a expressão de uma batalha de forças, uma disputa entre pulsões e desejos recalcados, que jogam com a vida psíquica do sujeito. Um sujeito que se faz presente e consciente através da linguagem, do desejo e através da fala. Assim, chegamos a principal questão acerca da memória, qual seja: uma organização composta por vários sistemas de registros complexos, de lembranças que por se acharem recalcados, resiste a qualquer rememoração. Voltamos a principal pergunta que nossa pesquisa tenta responder: quais são as resistências que agem contra a rememoração do sujeito? Como o sujeito passa a *repetir* experiências esquecidas por ele, representações que foram rechaçadas do consciente, como ainda conseguem exercer tamanha influência?

Ao longo desse capítulo, tentamos sobressaltar o caráter ambivalente da memória, do recordar e do esquecer. Como e por que a memória atua como atua, ora escondendo, ora revelando, ora recalçando e resistindo, deslocando e alterando? Sabemos, no entanto, que a vida psíquica é baseada em uma disputa de forças, que não cessam de se imbricar, disputar, resistir e pressionar. É, pois, nessa esteira de pensamento, que desenvolveremos o próximo capítulo, sobre as principais questões da memória na teoria psicanalítica: o recalque e a resistência. A pedra angular da psicanálise. A expressão das forças da memória.

3 AS FORÇAS DA MEMÓRIA: O RECALQUE E A RESISTENCIA

Como vimos ao longo de todo o primeiro capítulo, a memória e as recordações podem ser compreendidas como o resultado de uma disputa de forças e de impulsos inconscientes que jogam, plasma, significam, escondem e revelam as recordações e as representações. Neste sentido, o esquecimento ou, melhor dizendo, o recalque adquire um caráter de defesa, na medida em que o conteúdo recalcado resiste contra uma eventual recordação, pois isto implicaria a liberação de uma onda de desprazer no interior do sujeito. O sujeito angustia-se na medida em que evita outras angustias.

Há recalque porque há resistências, ou seja, as forças que resistem são aquelas responsáveis pelo recalque. Assim, o recalque e a resistência, na teoria psicanalítica, são expressões fundamentais da dinâmica da memória. O esquecimento já é a expressão de uma resistência e, portanto, do recalque. Efetivamente, o inventor da psicanálise acentuou justamente a luta que travam entre si as pulsões, ou as forças, que fazem do sujeito um lugar de resistências, deslocamentos e superações.

Desta maneira, a teoria psicanalítica de Freud no que concerne à memória difere evidente e enormemente das outras teorias tais como se entendem habitualmente. Segundo certas tradições, a memória, o recordar e o esquecer são fenômenos passivos, operados, por assim dizer, conscientemente pelo sujeito – ou pelo ego consciente –. De acordo com essa perspectiva, nos lembramos simplesmente porque nos lembramos, e nos esquecemos devido à ação da força irremediável do tempo, que age sobre nossas experiências. No entanto, para Freud, a memória não é uma faculdade passiva, mas uma faculdade ativa, na medida em que o sujeito somente se recorda daquilo que se realmente *quer* recordar-se.

Assim, a prática analítica vem propriamente tentar fazer com que o paciente rompa essas resistências e faça vir à tona os motivos, os condicionamentos ou as causas que suscitaram as resistências e, conseqüentemente, o recalque. Em outros termos, a análise tenta fazer com que o sujeito integre aqueles fatores, aquelas ideias que se acham recalçadas, que geram tensão e dor ao buscarem um caminho para se exprimirem. Ora, devido ao princípio de prazer, estas experiências recalçadas, justamente por buscarem atingir a consciência, se manifestam como

sintomas ou, mais precisamente, como repetições sintomáticas que necessitam ser simbolizadas, subjetivadas, *faladas* ou, numa palavra, integradas.

Julgamos importante ressaltar que, para Freud, nem todo esquecimento é fruto do recalque. Obviamente que, para a psicanálise, apenas o recalque é objeto de estudo e investigação, na medida em que este mecanismo se encontra na base das afecções nervosas. Apesar disso, o inventor da psicanálise também aponta para a existência de um esquecimento dito normal. Este esquecimento normal serviria apenas para manutenção e otimização do aparelho psíquico, porquanto é necessário que haja uma seleção, uma separação e uma organização dos vestígios “indiferentes” que continuamente se inscrevem em nossa memória. Esses vestígios indiferentes, que não encontrariam resistências em seu caminho à consciência, serviriam de matéria-prima para desfiguração – deslocamentos, associações e condensação – efetuadas pelo trabalho da censura sobre as representações e lembranças recalçadas.

Em outras palavras, o esquecimento “normal”, segundo Freud, existe e funciona paralelamente ao mecanismo do recalque, porém, este olvido não-tendencioso se diferencia essencialmente do recalque, na medida em que não possui *intencionalidade*, ou seja, não o faz por submissão ao princípio de prazer, não intenta evitar o desprazer, mas, sim, pode ser compreendido como uma forma de aprimoramento e melhoria do funcionamento do psiquismo (FREUD, 2009, p. 50). Dito isso, podemos asseverar que, neste estudo, vamos nos debruçar sobre as operações na base da memória e os efeitos desse esquecimento tendencioso.

De fato, para Freud, *aquele conteúdo que se acha recalcado sempre exercerá pressão no psiquismo, ou um acúmulo de tensão*. Assim, o recalque assume uns dos principais papéis no que concerne às doenças psíquicas, pois é dele, ou graças a ele, que o material inconsciente precisa achar uma forma de ser assimilados ou integrados. Notamos aqui que existe uma relação intrínseca e essencial entre o “recalcado” e o “inconsciente”. Já no primeiro parágrafo de seu artigo sobre *O Inconsciente* (1915), Freud, além de sublinhar justamente o caráter *ativo* das representações recalçadas, já aponta para esta relação essencial. Em suas próprias palavras:

A experiência psicanalítica nos mostra que a essência do recalque não reside em suspender ou aniquilar a ideia que representa uma pulsão, mas em impedir que a ideia se torne consciente. Nesses casos, dizemos que a ideia está recalçada e se encontra em estado “inconsciente”. Contudo,

temos fortes evidências de que *mesmo permanecendo inconsciente a ideia é capaz de continuar a produzir efeitos sobre a psique e de que alguns dos seus efeitos acabam por alçar-se à consciência do sujeito* (FREUD, 2006, p. 19)³.

No entanto, logo após essa passagem, no mesmo parágrafo, Freud nos faz uma ressalva, afirmando que apesar do conteúdo recalcado estar em “estado inconsciente”, não se pode equivar os conceitos de *recalque* e de *inconsciente*. Para o inventor da psicanálise, o recalcado compõe, por assim dizer, parte de todas as representações e pulsões inconscientes. Em outras palavras, o inconsciente não pode ser resumido ou, melhor dizendo, não pode ser simplesmente sintetizado, reduzido ou subsumido ao conceito de *recalque*. Para Freud, esse último é, como já mencionamos, *uma parte* do inconsciente. Assim, Freud declara:

Embora tudo o que foi recalcado precise permanecer inconsciente, esclareçamos de antemão que o recalcado não abarca todo o inconsciente. Ou seja: o inconsciente tem maior abrangência que o recalcado, este é apenas uma parte do inconsciente, mas de forma é sua única fonte de material (FREUD, 2006, p 19).

Nesta perspectiva, podemos entender o recalque e, em última instância, a formação do inconsciente, como processos psíquicos de certa maneira normais, na medida em que ele é universal e está presente em todos os seres humanos. Ele, o recalque, se manifesta como um dos mecanismos de defesa do psiquismo, expulsando para o inconsciente, por assim dizer, aqueles conteúdos – ideias, representações e desejos – que por se acharem ligados a alguma pulsão, ao buscarem sua satisfação – atingir sua meta – são compreendidas como desprazerosas.

Segundo Laplanche e Pontalis, em seu *Vocabulário*, definem o recalque como sendo:

No sentido próprio. Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências. O recalque é especialmente patente na histeria, mas desempenha papel primordial nas outras afecções mentais, assim como em psicologia normal. Pode ser considerado um processo psíquico universal, na medida

³ Itálicos nossos.

em que estaria na origem da constituição do inconsciente como campo separado do resto do psiquismo.

Num sentido mais vago. O termo “recalque” é tomado muitas vezes por Freud numa acepção que o aproxima de “defesa”; por um lado, na medida em que a operação de recalque é tomada no primeiro sentido, se encontra – ao menos como uma etapa – em numerosos processos defensivos complexos (a parte é então tomada pelo todo), e, por outro lado, na medida em que o modelo teórico do recalque é utilizado por Freud como protótipo de outras operações defensivas (LAPALANCHE E PONTALIS, 2001, ART.: RECALQUE).

Em seu sentido próprio, o recalque seria então um processo universal, que objetiva manter afastado do consciente, ou seja, rechaça ao inconsciente aquelas ideias e representações que, por se acharem associadas à alguma pulsão recalçada, despertariam uma sensação de desprazer. Interessante notar que, para o inventor da psicanálise, não só a ideia, mas o próprio processo do recalque que se opera sobre a ideia já é inconsciente ao sujeito, ou seja, o próprio ato de recalcar determinada representação é todo inconsciente ao sujeito que recalca. Ora, toda representação pulsional, na medida em que está associada alguma pulsão, quer se exprimir, quer se satisfazer, quer se esgotar, quer se conscientizar. Atingir sua meta. Desta maneira, terá de achar outros caminhos, outros destinos, outras vicissitudes, outras associações para ascender-se ao consciente.

Neste ponto, torna-se claro a nós o desenvolvimento daquelas “lembranças encobridoras”, que tratamos no capítulo anterior. Elas seriam então, nesta perspectiva, o resultado do trabalho do recalque. Estas lembranças indiferentes são a ponta de toda uma gama de associações. Estas associações visam distanciar ou, em termos psicanalíticos, visam *deslocar* o investimento que outrora era direcionado à representação recalçada, para esta nova lembrança encobridora, para esta nova lembrança encobridora. Assim, a lembrança encobridora pode ser compreendida como aquilo que Freud chama de *ideia substitutiva*. Desta forma, o investimento pulsional que originalmente se achava ligado àquela representação que precisou ser recalçada, agora encontrou uma fuga, uma forma de tornar-se consciente, mesmo que de maneira *substitutiva* (FREUD, 2009, p. 30)

Em seu artigo de 1915, *O Recalque*, como o próprio nome já indica, Freud vai desenvolver e explorar mais enfaticamente o mecanismo e os efeitos do recalque. Lá ele afirma:

Esquecemos muito facilmente que o recalque não impede o representante pulsional de continuar existindo no inconsciente, de continuar e se organizar, a formar novas representações derivadas e estabelecer ligações. O recalque, na verdade, só perturba a relação com o sistema psíquico, a saber, o sistema consciente (FREUD, 2004, p. 179)

Sabendo disso, podemos confirmar que a prática analítica busca os pensamentos e representações *esquecidas* pelo sujeito, que por almejam expressão e realização a todo custo, acabaram na formação dos sintomas psiconeuróticos. Neste mesmo texto, um pouco mais adiante, sobre o destino que as representações tomam ao continuarem a estabelecer associações e como o trabalho da análise viria atuar sobre estas associações, o inventor da psicanálise corrobora:

Constataremos que nem sequer é correto afirmar que o recalque mantém afastado do consciente todas as representações derivadas do recalcado original. Quando estes se afastam suficientemente do representante recalcado, seja pela incorporação de deformações, seja pela interpolação de certa quantidade de elos intermediários, sem maiores restrições. É como se a resistência do consciente contra essas representações derivadas do recalcado fosse uma função da distância entre elas e o originalmente recalcado. Durante a prática da técnica psicanalítica, solicitamos continuamente ao paciente que produza as *representações derivadas* do recalcado que possam, em decorrência de sua distância ou de sua deformação, passar livremente pela censura do consciente. As ideias espontâneas que requeremos do paciente, solicitando-lhe que renuncie a qualquer ideia intencional almejada e a toda crítica, nada mais são do que tais representações derivadas afastadas e distorcidas (FREUD, 2004, p.180).

Ora, podemos afirmar então que, paradoxalmente, é através do *consciente* que temos acesso ao *inconsciente*. É através das associações e representações derivadas que podemos chegar às verdadeiras representações, ao núcleo de pensamentos recalcados. O trabalho da análise é, por analogia, como a leitura de um texto. O analista faz com que o analisando perpassa pelas palavras e estabeleça associações que o levem à integração de pensamentos esquecidos, constantemente superando resistências.

Assim, podemos considerar que o recalque consiste na força que esconde nossas lembranças do âmbito consciente, para, assim, proteger-se das sensações desprazerosas. Nas palavras de Freud: “sua essência consiste na ação de repelir algo para fora do consciente e de mantê-lo afastado deste” (2004, p. 181), e nesta perspectiva o processo de recalque equivale à defesa do psiquismo. Agora fica mais claro, também, o processo da formação dos sintomas nas neuroses. Nas chamadas

“histerias de conversão”, o analisando apresenta diversos *sintomas físicos*, que através da análise se mostram, assim como aquelas lembranças encobridoras, como substitutos para a expressão de um impulso. Segundo Freud, na conversão “a carga de investimento pulsional contida na ideia recalçada é convertida na inervação dos sintomas” (FREUD, 2006, p. 36)

Falamos até aqui essencialmente sobre o recalque e como esse mecanismo funciona sobre as ideias e as representações que, por desencadearem sensações dissaborosas, precisam ser recalçadas. No entanto, não exploramos a fundo o conceito de *pulsão* (*Trieb*). Ora, achamos digno neste momento aprofundarmo-nos um pouco mais nesse conceito – ao menos de maneira introdutória, visto que este será o tema de nosso próximo capítulo e o analisaremos mais exaustivamente –, na medida em que esta é fundamental para a compreensão da teoria do recalque e, em última análise, fundamental para a compreensão de toda a psicanálise. Como mencionamos em parágrafos anteriores, a ideia recalçada sempre busca sua expressão consciente. Isso ocorre pelo fato de que esta ideia está associada ou ligada a uma pulsão. Esta, por sua vez, é caracterizada justamente pelo fato de ser uma força *constante* e, essencialmente, buscar atingir sua meta, sua representação ou sua realização. Sua satisfação.

A palavra *Trieb* foi traduzida equivocadamente para o português por “instinto”, na *Obras completas de Freud*⁴, da Imago. Todavia, ela seria melhor traduzida para o termo “pulsão”, isto é, uma *força*, um *impulso*. Ou como o nome já indica, uma impulsão. Mas o que significa propriamente a pulsão a partir do ponto de vista psicanalítico? E como esse conceito se relaciona com o recalque, o lembrar e o repetir? É importante, antes de tudo, fazer a diferenciação entre *instinto* e *pulsão*. Na literatura corrente, estes dois conceitos podem ser usados como equivalente, mas, em psicanálise, igualar esses conceitos significa cometer um erro quase que irreparável, responsável pelas interpretações mais turvas da teoria psicanalítica.

É importante, antes de tudo, fazer esta diferenciação, pois instinto – *Instinktem* alemão – pode ser compreendido como um esquema de comportamento presente nos animais, passado através de gerações, com pouca variação entre os componentes da espécie. Vemos, por exemplo, este comportamento manifestar-se na migração dos pássaros e dos peixes. Esta definição não corresponde, portanto,

⁴Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud (24 volumes). Rio de Janeiro: Imago, 2009.

ao significado empregado por Freud para a noção de pulsão, que se caracteriza por uma dinâmica e uma mutabilidade frente às vicissitudes e resistências que ela enfrenta (ALMEIDA, 2005, p. 163). Em sua obra, em geral, Freud faz pouco uso da palavra *Instinkt*(instinto), restringindo-se a usá-la apenas para casos semelhantes ao citado acima. Diferentemente do que acontece com a palavra *Instinkt*, o termo *Trieb*(pulsão) é frequentemente usado pelo inventor da psicanálise. Laplanche e Pontalis definem a pulsão, de maneira geral, como:

Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objetivo ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: Pulsão).

Podemos notar que a descrição de pulsão se coincide mais de um aspecto com a teoria dos estímulos endógenos elaborado por Freud em seu *Projeto para uma psicologia científica*, tema de estudo no nosso primeiro capítulo. Assim, podemos constatar, como Laplanche e Pontalis constataram que:

Embora o termo *Trieb* só apareça nos textos freudianos em 1905, ele tem sua origem como noção energética na distinção que desde cedo Freud fez entre dois tipos de excitação (*Reiz*) a que o organismo está submetido e que tem que descarregar em conformidade com o princípio de constância. Ao lado das excitações externas a que o indivíduo pode fugir ou de que pode proteger-se, existem fontes internas portadoras constantes de um afluxo de excitação a que o organismo não pode escapar e que é o fator propulsor do funcionamento do aparelho psíquico (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: Pulsão)

Interessante notar como a teoria das pulsões já se achava necessária desde os primórdios da psicanálise, na medida em que Freud, aportado sobre a prática e teoria analíticas, se defrontava constantemente no divã com esses impulsos e com as representações a eles associadas, enquanto os analisandos narravam a história de sua doença. Em outras palavras, foi justamente na prática analítica, ou a partir dela, que Freud pôde contemplar o jogo, a disputa, a guerra que travam entre si as pulsões, no mais íntimo do psiquismo do sujeito.

Como podemos considerar, a pulsão é compreendida fundamentalmente – frisa-se novamente – como uma força constante que, diferentemente dos estímulos advindos do mundo externo, não nos atingem de uma só vez, como num impacto. Em seu texto clássico sobre pulsões, *Pulsões e destinos da pulsão*, de 1915, Freud aponta para essa característica essencial dos impulsos, nas seguintes palavras:

A pulsão, ao contrário, nunca age como uma *força constante*. Como não provém do exterior, mas agride a partir do interior do corpo, a fuga não de serventia alguma. A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo “necessidade” [*Bedürfnis*], a e tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos de “satisfação” [*Befriedigung*]. Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos. [...] Portanto, inicialmente podemos descrever a essência da pulsão a partir de suas características principais: sua proveniência de fontes de estímulos no interior do organismo e sua manifestação como força constante (FREUD, 2004, pp. 146-147).

Tendo claras estas características fundamentais da pulsão, podemos passar agora para uma descrição mais acurada e específica do conceito, para visualizarmos um panorama completa da operação efetuada pela pulsão. O inventor da psicanálise estabelece alguns componentes, que podemos chamar aqui de “elementos da pulsão”. Será no texto de 1905, intitulado *três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que Freud usará pela primeira vez o termo *Trieb*(pulsão).

Assim, podemos corroborar o que já vínhamos notando ao longo da presente pesquisa, a saber, que o conceito de pulsão é tão necessário e natural para a psicanálise, que Freud já o tratava com especial atenção desde os primórdios de sua jovem ciência. Nesse texto de 1905, o inventor da psicanálise atribui três elementos básicos à pulsão. São eles: a fonte (*Quelle*), o objeto (*Objekt*) e a meta (*Ziel*). Des anos depois desta publicação, com o avanço da psicanálise, no texto já mencionado acima, *Pulsões e destinos da pulsão*, Freud vem adicionar um elemento a mais e que é de suma importância, pois este caracteriza o essencial de uma pulsão: o elemento é o da *pressão* (*Drang*).

Começemos, pois, a descrição do que seria a *fonte* da pulsão. Em *Pulsões e destinos da pulsão*, Freud descreve-a da seguinte maneira: “Por *fonte* da pulsão entendemos o processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão” (FREUD, 2004, p. 149). Dito de outra forma, a fonte da pulsão pode ser compreendida como aquele lugar no corpo que, em estado de excitação e tensão, envia para a psique sinais que, lá, serão convertidos para seu representante, a *pulsão*, que tende a neutralizar aquele estado de tensão. Assim, a pulsão pode ser compreendida como a representante psíquica para as exigências somáticas.

Em relação à *meta* da pulsão, esta pode ser resumida, basicamente, à sua satisfação, ou seja, o objetivo da pulsão é sempre sua própria satisfação, a cessação do estado de tensão. Neste ponto, Freud nos salienta que “embora a meta

final de toda pulsão seja sempre a mesma, são diversos os caminhos que podem conduzir a essa meta” (FREUD, 2004, p. 148. Agora, em relação ao *objeto* da pulsão, Freud o define como sendo:

[...] aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originalmente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação (FREUD, 2004, p. 148).

O objeto viria a ser então o veículo, a porta, a passagem pela qual a pulsão se satisfaz. Importante ressaltar que, para Freud, este objeto se apresenta sempre como uma solução parcial, um *objeto parcial*, na medida em que não existe no mundo externo qualquer objeto que viria por termo na pulsão e na tensão decorrente dela.

Já a pressão é a característica mais fundamental da pulsão. Como já mencionamos, este elemento foi adicionado tempos depois, conforme a teoria da pulsão avançava. Nas palavras de Freud:

Por *pressão* de uma pulsão entendemos seu fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. Esse caráter de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência. Toda pulsão é uma parcela de atividade (FREUD, 2004, p. 148).

Em seu sentido próprio, então, a pressão exercida no psiquismo pelas pulsões é a principal característica dessas forças. Assim, podemos concluir, em poucas palavras, que a pulsão é a energia que impele o corpo, que o impulsiona a desempenhar atividades com intenção de descargas de diferentes níveis de tensão e energia, que emanam de determinada parte ou órgão do corpo.

Neste momento, sabendo então que o aparelho psíquico é permeado de forças que estão constantemente pressionando-o em direção à consciência e superando resistências, passamos a compreender também o porquê uma ideia deveria ser recalçada. Esta “ideia”, que ora Freud chama de “representante”, “representante-representação” ou, simplesmente, ideia, seria o elemento apto a sofrer a ação do recalque. Segundo o *Vocabulário de Psicanálise*, Laplanche e Pontalis definem o representante psíquico como: “representação ou grupo de representações em que a pulsão se fixa no decurso da história do sujeito, e por meio do qual se inscreve no psiquismo” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: representação). Desta maneira, quando uma representação se liga a uma pulsão, é

a partir dela que a pulsão vai se expressar, descarregar ou, em suma, *representar*. E aqui reside o ponto nodal, que responde uma das perguntas fundamentais deste trabalho, a saber, que para Freud, a pulsão em si não pode ser recalçada, pelo fato de se tratar de pura energia advinda do próprio corpo. O que, na realidade, sofre a ação do recalque e é dispensado, por assim dizer, ao inconsciente, são as representações (ideias, recordações) que se encontram associadas às pulsões.

Ora, é, pois, estas representações recalçadas que o analisando busca no decurso da análise. A partir das ideias *conscientes* do sujeito, seguindo a cadeia de ideias associadas até, por fim, chegar ao núcleo de pensamentos, agora, já em nível inconsciente. Em outras palavras, o trabalho da análise vem atuar justamente nesta direção: fazer com que o analisando simbolize e integre o material recalçado, responsável pelo aparecimento das mais diversas perturbações psicossomáticas. No entanto, neste caminho em direção às representações recalçadas e esquecidas, o trabalho da análise encontra fortes obstáculos, ou seja, forças que se impõem contra a via da rememoração e subjetivação; são forças e relações de forças da *resistência*. Neste momento, o analista atento passa a perceber que o analisando repete, de maneira *atual*, afetos e traumas passados, ao invés de lembrar por vias diretas da consciência. Segundo Laplanche e Pontalis, novamente em seu *Vocabulário*, definem a resistência nos seguintes termos: “Chama-se de resistência a tudo o que nos atos e palavras do analisando, durante o tratamento psicanalítico, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: Resistência).

Assim, compreendemos as forças da resistência como aquelas responsáveis por manter o material recalçado nos recônditos do inconsciente. Falhas em nossa memória, esquecimentos de nomes, ou de alguma palavra específica, lapsos da língua e atos compulsivos sintomáticos são os principais meios de expressão dessas resistências. Ora, são essas expressões que apontam para o conteúdo recalçado, pois existem em nosso psiquismo, representações, afetos e recordações que realmente não queremos lembrar, repetir, ressaborear, mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, desejamos reviver. É, pois, a resistência que se encarrega de manter esses afetos esquecidos. Daí podemos concluir: a memória, a rememoração, o recordar e o esquecer são também caminhos pelos quais as forças inconscientes podem se digladiar e, conseqüentemente, se atualizar. A memória é, ela própria,

essencialmente manipulada pela guerra que travam as pulsões inconscientes no sujeito.

Conforme a pesquisa de Freud foi avançando, ele notou que algumas ideias eram tão desprazerosas e, por sua vez, eram pressionadas por tão incríveis resistências, que o analisando *não conseguia se lembrar*. No entanto, o inventor da psicanálise notou que, na realidade muitas vezes, o analisando não necessariamente se lembraria da ideia recalçada, mas, sim, *a repetiria*, como ação ativa e do tempo presente. Esta forma de “recordar”, ou mais exatamente, repetir, foi o que o neurologista chamou de *compulsão à repetição*. Esta compulsão a repetição se dava, de fato, por meio de outro fenômeno particular da prática analítica. A este fenômeno, Freud deu o nome de *Transferência*. Estes serão, pois, o objeto de estudo de nosso próximo capítulo.

4 A COMPULSÃO À REPETIÇÃO E A TRANSFÊNCIA

Neste capítulo, objetivamos apontar e salientar a relação que existe entre os conceitos de *transferência* e *compulsão à repetição* na teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Para isto, primeiramente, descreveremos e analisaremos o conceito de transferência. Faremos um apanhado histórico do conceito, levando em conta as possíveis modificações pelas quais passou durante o avanço da teoria e prática analíticas. Ora, sabemos que a transferência é essencial para a consumação de uma análise – levando em conta que isso seja possível – e para o livramento do paciente de seus sintomas, mas como podemos afirmar que este é o único caminho possível? Neste instante, durante nossa pesquisa, então, pretendemos responder a esta questão.

Num segundo momento, descreveremos e analisaremos o conceito de compulsão à repetição. Considerando o fato de que a questão da repetição já está presente na obra de Freud desde o início, embora não entendido como uma compulsão ainda, teremos o cuidado de mostrar esta mudança ou, melhor dizendo, adaptação e maturação pelas quais o conceito passou. Deste modo, sabemos também que estas questões foram tomando mais contorno conforme a própria experiência do inventor da psicanálise com seus pacientes avançava. Queremos, pois, saber até que ponto esta repetição pode ser a expressão de algo mais primordial ou mais elementar na história da psique. Com este trabalho queremos, enfim, compreender em que medida estes conceitos se relacionam e como aparecem na prática analítica.

4.1 A TRANSFERÊNCIA

Na teoria psicanalítica, diversos conceitos são interdependentes e se complementam, na medida em que Freud teoriza sua vivência prática com seus pacientes. A memória ou, mais exatamente, o recordar e o esquecer são compreendidos, na ótica psicanalítica, como as expressões máximas do embate de forças que fundamentalmente subjazem ao funcionamento do psiquismo. A partir de nossa leitura, saltou-nos aos olhos o caráter dinâmico e tendencioso da memória, já que ela, como uma faculdade ativa e criativa, plasma, modela, censura, desloca, resiste e recalca. Graças a experiência com o divã, Freud pôde observar que,

contrastando com a *resistência*, que constantemente assolava o analisando na medida em que avançava no seu discurso e associações, existia também um processo, ou uma dinâmica, que Freud chamou de *transferência*. Este último, em certos aspectos, se mostrava como uma forma de resistência, pois, de fato, *impedia* que o analisando se lembrasse dos conteúdos nele recalçados.

Ora, sabemos que o conceito de transferência aqui desempenha um papel de suma importância, pois é nela e graças a ela ou, a partir dela que, muitas vezes, durante o tratamento, o analisando deixa a “recordação falada” de lado e dá espaço à repetição vivida de determinado fato ou, melhor, de uma atualização do desejo. Segundo os psicanalistas franceses, Laplanche e Pontalis, em seu *Vocabulário de Psicanálise*, a transferência pode ser compreendida como:

[...] O processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição dos protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. [...] A transferência é classicamente reconhecida como terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: Transferência).

Em outros termos, a transferência sobre o analista é responsável pela criação de um palco, de um cenário e de um personagem onde o paciente se vê apto a re-atar – atualizar – algumas de suas mais primitivas recordações: rever e, mais que isso, *reviver* seus mais antigos fantasmas, e fruir seus mais antigos medos e angustias. Quando o paciente passa a se interessar por tudo o que se relaciona com a figura do médico, atribuindo a isso por vezes maior importância do que a que demonstra por suas próprias questões, parece se desviar de sua própria doença. Estamos, então, diante de uma relação transferencial⁵.

É graças a este tipo de relação que o trabalho de análise se torna possível. Freud (*Sobre o Início do Tratamento*, 1913) já havia chamado de certo modo a atenção para este ponto, ao aludir a uma "atitude transferencial no início do tratamento", antes mesmo de discutir mais a fundo os demais aspectos relacionados com a constituição da transferência, como a questão do tempo (tempo da sessão, duração do atendimento), dos honorários e outras condições inerentes ao princípio da análise.

⁵ Cf. FREUD, S. *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 2009. v. VI.

Ao começo do trabalho analítico, via de regra, observa-se a emergência de um vínculo suscetível e agradável na situação analítica. O analisando mostra-se entusiasmado – as vezes até enamorado – com a pessoa do analista. Deste modo, o analisando supervaloriza as qualidades do analista, é amável e reage de modo favorável às interpretações, às associações, esforçando-se por compreendê-las e se deixando absorver pela análise. A livre associação, assim como o material mnemônico, surge quase como que espontâneo. Além da relação amigável que prevalece durante o trabalho, acontece uma melhora significativa em vários aspectos da enfermidade. Estamos em plena vigência de uma transferência positiva. A transferência em seu sentido positivo, ou seja, que abre caminho para a simbolização, é um fenômeno que facilita o processo analítico. Torna o analisando mais suscetível à influência do analista por direcionar a ele sentimentos de amor e empatia, respeito e admiração, que o faz as resistências se enfraquecerem e ajudam o paciente a associar livremente.

Esta relação amigável e amistosa, entretanto, não perdura por muito tempo. Logo surgem dificuldades ou, mais exatamente, *resistências* contra o tratamento, que se revelam de diversas maneiras, refletindo-se na impossibilidade de o analisando continuar seguindo a regra fundamental. Como reconhecer estas resistências ao tratamento? A resposta é: toda vez que aparecem dificuldades de comunicar os pensamentos – isto é, torná-los públicos, *simbolizá-los* –. Neste momento, sabemos estar de frente para fortes resistências, que se levantam contra a rememoração. Muitas vezes isto surge com a constatação do paciente de nada mais lhe ocorrer à mente, ou de não mais estar interessado no trabalho. De um modo geral, aparece uma certa negligência em relação às instruções inicialmente dadas no sentido de "dizer tudo o que lhe vem à cabeça e de não permitir que obstáculos críticos impeçam de fazê-lo" (FREUD, 1996, p. 213). Sempre que nos deparamos com um paciente que se comporta como se estivesse *fora* do tratamento, estamos diante de uma resistência. Nestes casos, a situação precisa ser esclarecida, do contrário o próprio processo analítico estará em risco.

A causa básica dessas dificuldades, refere Freud, é o paciente ter transferido para o analista seus componentes pulsionais: sentimentos intensos, afetos, enfim, por ter colocado em ato suas disposições internas junto à figura do analista. Como o "bom tempo não pode durar para sempre" (FREUD, 1996, p. 213), o tratamento logo esbarra em um ponto não desejado e não provocado intencionalmente, levado pelo

tipo de vinculação amorosa que o paciente estabelece com o analista. Mas se este fenômeno se repete tão amiúde, diz Freud, se ele estabelece um padrão de regularidade em cada novo caso, então não há como atribuí-lo a uma "perturbação casual"; é preciso, pelo contrário, postular a existência de um fator objetivo interferindo no tratamento e "reconhecer que estamos lidando com um fenômeno intimamente ligado à natureza da própria doença" (FREUD, 1996, p. 215).

Ora, Freud constata que os sentimentos deslocados ou, melhor dizendo, *transferidos* em direção à pessoa do analista não podem ser creditados à situação produzida no tratamento *per se*. Dada a atenção com que esses sentimentos se apresentam na análise, deve-se rastrear sua origem em algum outro lugar: eles já existiam em estado germinal, estavam "preparados" no paciente e, com a oportunidade oferecida pelo tratamento, simplesmente vêm à tona e são desdobrados, a partir desta espécie de pré-programação afetiva que se endereça à pessoa do analista. No entanto, voltaremos nesses tópicos mais adiante em nossa pesquisa.

Ademais, a transferência, segundo o inventor da psicanálise, pode expressar-se como uma exigência intensa de amor, de reconhecimento, de atenção, ou sob formas mais moderadas: desejo de ser recebido como filho(a) predileto(a), de ser alvo de uma estreita amizade – necessidade libidinal sublimada – etc. Quanto mais crus - isto é, menos sublimados - forem os impulsos transferidos, mais próximos estaremos de uma expressão não elaborada do conflito original, vinculado aos objetos primários, e via de regra impossível de ser satisfatoriamente resolvido.

No capítulo final dos *Estudos Sobre Histeria* (1895), de Freud e Breuer, é possível identificar o uso do termo "transferência" numa acepção muito próxima ao conceito que será desenvolvido posteriormente por Freud, em seus escritos sobre metapsicologia. Entretanto, essa primeira aparição do conceito não será desenvolvida e aprofundada em toda sua complexidade.

Por ora, sublinhemos que, tanto nos *Estudos* como em *A Interpretação dos Sonhos*, é possível reconhecer nessas menções iniciais da palavra "transferência" uma intuição clínica e o início de um esforço de conceituação que irá abrir espaço para o trabalho conceitual de aprofundamento a partir de 1905, o que transformará significativamente a condução do tratamento analítico. Que intuição clínica é essa? É o que chamamos de implicação ética do psicanalista no tratamento. Consideramos uma condição para a emergência do discurso psicanalítico que o analista, a partir de

sua convicção na hipótese do inconsciente, *participe do sintoma do analisando*, transformando o sintoma bruto em sintoma analítico. Desta forma, a transferência pode então se apresentar como espaço, ou cenário, onde o analisando atua e onde o analista interpreta. Salientamos que, para além do resgate da discussão em torno do uso do termo "transferência", faz-se necessário realizar o levantamento das questões suscitadas pela clínica que, mais tarde, serão ordenadas em torno do conceito de transferência, ou seja, qual a relação dessa última com os outros conceitos que já analisamos: recordar, resistir, associar? Está é, pois, a pergunta, que nos norteia neste capítulo.

Vemos aparecer nos textos de Freud, numa tentativa ainda embrionária de articulação desses elementos entre si, referências à pulsão, aos afetos, ao uso terapêutico da linguagem, à incidência da palavra no corpo, à interpretação, às manifestações amorosas – da vida comum e da infância –, à resistência, à sugestão e à hipnose.

A respeito da *sugestão*, gostaríamos de salientar uma transformação que se processa em consonância com a nomeação do fenômeno da transferência. Até o pós-fácio do caso Dora (FREUD, 1996), Freud acreditava ter anulado a influência da sugestão com o abandono da hipnose e a adoção da associação livre, como podemos ler em "O método psicanalítico freudiano" (FREUD, 1996, p. 86). Essa opinião é revista após um ciclo de revisão conceitual que ocupa a segunda metade da década de 1900. Por meio desse trabalho de reelaboração, o manejo da transferência ganha um lugar estratégico na condução do tratamento. Tal mudança produz como consequência imediata o reconhecimento da persistência residual dos efeitos da sugestão na clínica psicanalítica (FREUD, 1996, p. 65). A partir daí, faz-se necessário que o analista esteja advertido da incidência dos efeitos da sugestão na sua prática. Ou seja, que ele saiba reconhecê-los de modo a não os confundir com efeitos de análise. Em suma, a sugestão é percebida como um fenômeno indissociável da transferência e, conseqüentemente, da análise; contudo ela não constitui o móbil do trabalho analítico. Tal fato pode ser constatado no alerta sobre os desvios decorrentes do que denomina de técnica afetiva (FREUD, 1996, p. 178) e na defesa do caminho da reelaboração das resistências como o diferencial do tratamento analítico. Ou seja, como aquilo que o distingue de outros tratamentos alicerçados na influência por sugestão (FREUD, 1996, p. 214).

Isso leva a outro ponto estratégico de nossa empreitada, o de repensar a função da interpretação na análise. Freud inicialmente desenvolve uma técnica de interpretação para, em seguida, submetê-la ao manejo da transferência. Lembramos que até a segunda metade da década de 1900 ele respondia ao problema de "quando interpretar?" priorizando o argumento do derretimento (*Schmelzen*) ou superação (*Überwindung*) das resistências (BREUER&FREUD, 1996, pp. 184, 186, 200, 207). Esse argumento será conservado e enriquecido. Com o advento da transferência, uma nova perspectiva se abre. As referências técnicas já consolidadas a respeito da interpretação e das mudanças na economia psíquica produzidas em análise são ordenadas em torno desse novo operador clínico.

Por sua vez, a conceituação do fenômeno da transferência inicia um ciclo de questionamentos sobre a orientação ética da prática psicanalítica e sua incidência na cultura. Assim, Freud define a Psicanálise como a terceira ferida narcísica da humanidade, localizando essa ferida narcísica na constatação de que "o Eu não é o senhor em sua própria casa" (FREUD, 1996, p. 194,). Entendemos essa afirmativa como a intensificação do alcance de outra frase proferida quase duas décadas antes: que o Inconsciente constitui o "núcleo de nosso ser" (FREUD, 1996, p. 201) e que esse núcleo é atravessado pela falta que subjaz à busca alucinatória de satisfação inerente ao funcionamento do processo primário.

Além disso, como já afirmamos anteriormente, pela via da transferência, enveredamos na problematização da materialidade da psicanálise e dos modos de manifestação do inconsciente no campo da sexualidade, do amor, das palavras e dos afetos. Trata-se daquilo que Freud denomina de evidência da etiologia sexual das neuroses (FREUD, 1996, p. 50). Julgamos necessária esta pequena introdução, de como o conceito de "sugestão" deu lugar ao de transferência, e como a própria prática analítica alterou-se frente a essas resistências que se mostravam no percurso da análise. Agora, voltando a ideia de como a transferência se manifesta na clínica, sabemos que o inventor da psicanálise considerou o fenômeno da transferência como positivo e negativo. Analisemos.

Como já mencionamos acima, num primeiro momento, Freud tende a encarar a transferência como de forma positiva, ou seja, como uma facilitadora e auxiliadora durante o trabalho da análise, na medida em que o analisando desenvolve pelo analista sentimentos amistosos e, até mesmo, afetuosos. Neste sentido, a transferência é uma atenuadora, por assim dizer, das resistências que se impõem ao

paciente, porquanto seu respeito e admiração pelo analista facilita o desenvolvimento de suas associações. No entanto, como sabemos, toda relação amorosa, sobretudo a relação entre os pais e os seus filhos – relação que serve de “protótipo” para a transferência – é necessariamente uma relação ambígua e paradoxal, na medida em que o sujeito direciona *ao mesmo objeto* sentimentos de amor e de ódio. Esta ambivalência fundamental do amor transferencial talvez seja o ponto chave desta interpretação, já que, para Freud, este tipo de transferência é compreendido como *negativo* para o progresso da análise. Em *A dinâmica da transferência*, de 1912, sobre a transferência negativa, Freud afirma:

A transferência negativa merece um exame pormenorizado, [...] nas formas curáveis de psicose, ela é encontrada lado a lado com a transferência afetiva, ambas dirigidas simultaneamente para a mesma pessoa. Bleuler adotou o excelente termo ‘ambivalência’ para descrever este fenômeno. Até certo ponto, uma ambivalência de sentimentos parece ser normal; mas um alto grau dela é, certamente, peculiaridade especial de pessoas neuróticas. [...] A ambivalência nas tendências emocionais dos neuróticos é a melhor explicação para a sua habilidade em colocar as transferências a serviço da resistência (FREUD, 2006, pp. 117-118).

Ora, neste sentido então a transferência é *aliada* da resistência, justamente na medida em que, a partir desta transferência se originam sentimentos hostis e negativos para com o analista. Desta forma, as associações e, em última instância, a lembrança se encontram comprometidas, porquanto esses sentimentos que agora surgiram no caminho da análise, ao se atualizarem, levantam fortes resistências contra o material recalado. Assim, Freud nos chama atenção para o verdadeiro cuidado que o analista deve ter com o processo da transferência, sabendo comunicar ao analisando que aqueles impulsos, libidinosos e hostis que ele está direcionando à pessoa do médico, nada mais são do que uma *repetição* de sentimentos que, outrora, ele direcionou a outras pessoas, certamente na infância, às figuras maternas e paternas.

4.2 A REPETIÇÃO

A partir destas considerações sobre a transferência e sua relação com a resistência, podemos nos aprofundar em outro conceito da psicanálise, considerado por Freud e por Lacan um dos pilares da psicanálise. Neste momento, entramos num momento crucial de nossas investigações, a saber, como o inventor da

psicanálise, munido da experiência analítica e da experiência da escrita, descobriu, por assim dizer, que através da transferência o analisando não mais recorda, mas sim *repete* seus traumas e suas representações mais latentes? Estamos aqui nos referindo ao fenômeno da *repetição* ou, melhor dizendo, uma *compulsão à repetição*. Segundo Almeida, a repetição pode ser definida – se é que isso é possível – nas seguintes palavras:

Este fenômeno, como a prática analítica nos mostra, é tão fundamental quanto a própria transferência, na medida em que é por ele, ou graças a ele, que o analisando vem necessariamente *repetir* seus afetos e suas vivências do passado. Em outras palavras, muitas vezes no decurso da análise, o paciente deixa a recordação falada e as associações de lado, justamente por se instaurarem fortes resistências no caminho à lembrança ou afetos recalçados. Assim, entre em jogo um interessante componente do trabalho analítico, que em contraste com a transferência, é a representação da repetição do recalçado. Freud o chama de *acting out*, ou seja, literalmente um “agir para fora”. Por *acting out* podemos entender aquela ação do sujeito, motivada pelas representações recalçadas das pulsões, que o coloca em situações por ele já vividas, ou seja, se trata aqui justamente da repetição do já vivido. “É como se o sujeito, *agindo* sob o impulso e o domínio do desejo e dos fantasmas, realmente os vivesse, ou revivesse, no presente” (ALMEIDA, 2005, p. 49).

O conceito de *acting out*, sendo indissociável da *repetição*, significa literalmente “agir para fora”. Segundo Laplanche e Pontalis, novamente em seu *Vocabulário*, definem o *acting out* como:

Termo usado em psicanálise para designar as ações que apresentam, quase sempre, um caráter impulsivo, relativamente em ruptura com os sistemas de motivação habituais do sujeito, relativamente isolável no decurso das suas atividades, e que toma muitas vezes uma forma auto ou hetero-agressiva. Para o psicanalista, o aparecimento do *acting out* é a marca de emergência do recalçado. Quando aparece no decorrer de uma análise (durante a sessão ou fora dela), o *acting out* tem de ser compreendido na sua conexão com a transferência, e frequentemente como uma tentativa para ignorá-la radicalmente (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, art.: Acting out).

Este conceito ou, melhor dizendo, esta tese de Freud, sobre a repetição *sintomática* de experiências traumáticas de um passado remoto foi desenvolvida, ampliada e sublinhada em uma de suas mais importantes e densas obras, a saber, *Além do princípio de prazer*, de 1920. O contexto no qual a obra fora escrita é muito particular, pois a Europa acabara de passar pela Primeira das duas Grandes Guerras que a assolaram no século XX. Assim, a psicanálise teve a oportunidade de desenvolver suas principais teorias. Sonhos traumáticos dos que regressaram da guerra foram analisados em relação a sua impetuosa e demoníaca. Consequentemente, o inventor da psicanálise se vê obrigado a modificar sua teoria

do aparelho psíquico. Nos permitiremos, num primeiro momento, rastrear e analisar as possíveis aparições do conceito de *repetição* na teoria freudiana.

Notamos, em primeiro lugar, que a questão da repetição já se encontra – embora não de maneira explicitamente denominada – desde o começo da psicanálise. Com efeito, aquilo com que a prática analítica se confrontava desde o início era com a repetição dos sintomas que exprimiam deslocamentos da angústia e do recalque. Esta repetição se dava através de *atualização* de experiências recalçadas, de manias, de rituais obsessivos e do reiterar verbalmente aquilo que o analisando vivenciara, certa vez, em sua história. Neste sentido, pois, esta repetição surgia no decurso da análise no lugar da rememoração ou da assimilação consciente de determinada ideia e experiência recalçada. Em outras palavras, o analisando não integrava as representações recalçadas que lhe causava angústia e sintomas, mas, sim, *as repetia inconscientemente* no presente, como vivência atual.

A teoria de *repetição*, como já afirmamos, nos encaminha à própria gênese da psicanálise. Constatamos uma espécie de primeiro registro desse fenômeno na teoria de *facilitação* (*Bahnung*), explicitada no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895 – conceito já analisado e explorado em nosso primeiro capítulo –. Temos então postulado que a circulação da energia se faz preferencialmente pelas vias mais investidas, ou seja, mesmo resistentes à passagem, levando à tendência de percorrer o mesmo caminho. Com isso, a facilitação passa a estar implicada no processo da memória, essa definida por Freud como diferença entre as facilitações. Portanto a memória, produto do diferencial das facilitações, está vinculada, de um lado, ao fator econômico e, de outro, ao fator dinâmico através da *experiência primária de satisfação*, criadora do estado de desejo, que nos diz que toda a repetição busca percorrer as trilhas já conhecidas, que propiciem um possível reencontro com essa satisfação mítica de nossas origens.

Freud, em relação com esse princípio, em seus *escritos metapsicológicos* de 1915, nos instrui que o desejo é a mola propulsora do psiquismo, é o que anima e impulsiona o somático. Assim sendo, o princípio do prazer, mobilizado pelo desejo, procura o reencontro com a experiência primária de satisfação. Se pensarmos que a psique tem seu móbil na força pulsante do reencontro, temos posto que a repetição é algo constitutivo da própria essência do aparelho psíquico. Evidentemente, o desejo, ao ser interdito pelas resistências e pelas forças do recalque, obriga o inconsciente a negociar com o pré-consciente (condensação e deslocamento), o que

determina que a busca da gratificação seja, desde sempre, determinada pela matriz fundante do desejo, fazendo dos caminhos ramificações desse originário.

Diante disso, compreendemos que a repetição na teoria da psicanálise tem a característica de estar fundamentada sobre as representações inconscientes e sobre a memória, com potencialidades de investi-lo pelo novo, uma vez que é produto de um trilhamento, que por sua vez, é uma trama de percurso facilitado em um sentido e dificultado para outros. Em outras palavras, a memória re-investida é composta por uma trama de facilitações. Essa trama pelo caminho mais impermeável é passível de reordenamento de tempos em tempos, jogada e plasmada por novas representações. Dito isso, podemos afirmar, de forma hipotética, que a repetição terá como indicador psicopatológico o seu caráter de compulsão.

Esse conceito, numa forma mais contundente, vai ser analisado, em 1914, no artigo *Recordar, repetir e elaborar*. Freud, mobilizado por sua clínica, centrado nas manifestações do retorno do recaiado, em especial ao conceito que já analisamos – de transferência –, vai se familiarizando a este fenômeno, que se caracteriza pela impossibilidade de o sujeito recordar, tendo que repetir. Lembrando que toda repetição opera como resistência, que está a serviço do recaiado, que negocia, *mas nunca renuncia* à busca da satisfação do desejo. Mas essa repetição tem uma presença marcante, uma intensidade que faz com que ganhe o adjetivo de compulsão. Nesse momento, para Freud, o psiquismo é regido pelo princípio do prazer versus o princípio da realidade, sendo a busca do prazer a grande meta das representações desejantes da pulsão sexual. Com essa premissa constituída, mais a ideia de pontos de fixação da libido, no decorrer do desenvolvimento libidinal, tem-se estabelecido que a compulsão à repetição é produto da história erótica de cada sujeito. E está comprometida com a busca do prazer, visando reviver o que foi gratificante em algum momento do passado esquecido. Portanto, essa compulsão à repetição está a serviço do princípio do prazer.

Seguindo a trilha dos escritos freudianos, após o artigo de 1914, notamos um silêncio, por assim dizer, de cinco anos no que concerne às questões em torno da repetição. Freud irá retomar essas questões, primeiramente e de forma menos explícita, em seu texto intitulado *Das Unheimliche* – traduzido para o português como

“O Estranho”⁶ –, e num segundo momento, em 1920, de forma mais incisiva e precisa no texto já mencionado acima, a saber, *Além do Princípio do Prazer*.

No artigo de 1919, nos deparamos com as inquietudes do criador do conceito de pulsão, com uma repetição mais primitiva, que o faz refletir sobre a possibilidade de *caráter repetitivo da própria pulsão*. É através da sensação de estranhamento que o inventor da psicanálise vai se valer e analisar para pressupor um modo particular do retorno do recaiado, sublinhado pelo terror, pelo assustador produto de *alguma coisa familiar (heimlich)* e ao mesmo tempo desconhecida – não familiar – . Passando o estranho a ser considerado uma manifestação que guarda íntima relação com o repetircom-*pulsório*. Após estas considerações, começa a se conceber na psicanálise freudiana a concepção de uma compulsão à repetição não associada ao princípio do prazer. Nas palavras de Freud:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma "compulsão à repetição", procedente dos impulsos instintuais (pulsionais) e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos (pulsões) – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco. (FREUD, 2009, p. 297).

Deste modo, aquela primeira descrição – tópica, dinâmica e econômica – em relação ao psiquismo, dividindo-o entre os sistemas pré-consciente, consciente e sistema inconsciente, mostrou-se incapaz de explicar a relação de forças e o funcionamento do aparelho psíquico. Freud nota que a resistência que se instaurava contra as representações recalçadas provinha de outros sistemas, nas palavras de Rogério Miranda de Almeida, esta reviravolta no pensamento freudiano surtiu o seguinte efeito:

Esta mudança radical que operou Freud na nova concepção do funcionamento da mente é tanto mais importante quanto se sabe que a psicologia, e a tradição filosófica em geral, considera o ego um lugar privilegiado de unidade, da coesão, da harmonia e da certeza. Ora, é justamente essa pretensa coesão que a prática e teoria analíticas vieram destronar (ALMEIDA, 2005, p. 48).

Mais adiante, em relação à mudança operada pelo pai da psicanálise, Almeida elucida:

A prática e a experiência da escrita, que fizeram Freud substituir uma terminologia puramente descritiva (inconsciente, pré-consciente-consciente) por uma terminologia sistemática e dinâmica (id, ego, superego), levaram-no igualmente a

⁶ Cf. FREUD, S. *O Estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

afirmar que a resistência do analisando provém do seu próprio ego, e que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalçamento inconsciente. Esta compulsão, que é a manifestação de força daquilo que no paciente se acha recalçado, encontra na análise um lugar favorável à sua expressão, à sua reestruturação e ao seu reconhecimento, pois é aí que entram inevitavelmente em jogo a resistência e a transferência. (ALMEIDA, 2005, p. 48).

Desta forma, podemos compreender a necessidade da reviravolta operada por Freud em 1920. Segundo Almeida, o pai da psicanálise constatou que a resistência à rememoração e à integração das moções e afetos recalçados partiam, ao contrário do que Freud pensava, do próprio ego, do próprio “Eu”. O sujeito não se lembra porque, caso rememorasse por vias diretas, aquele Eu sofreria, sentiria dor e desprazer, na medida em que se está constantemente se chocando com a realidade e seus princípios.

Todavia, não se trata de um *desprazer propriamente dito*, pois, nas palavras de Almeida:

Trata-se aqui, porém, de um prazer que não contraria o princípio de prazer, porque, dada a economia mesma que caracteriza o aparelho psíquico, o que se apresenta como um desprazer para um sistema se acha, noutro sistema, contrabalanceado como prazer ou como satisfação. (ALMEIDA, 2005, p. 50).

Ora, compreendemos então que a tendência do ser humano é, essencialmente, a busca pelo prazer, mesmo sendo um prazer ou, melhor dizendo, uma satisfação remota e “esquecida”. No entanto, o inventor da psicanálise se encontra numa aporia muito maior, a saber, que os analisandos contavam e, mais ainda, *repetiam* ao analista aquelas experiências que *em nenhum momento* foram fontes de qualquer prazer.

Agora, a pergunta que nos surge é: em que sentido a repetição se torna uma compulsão que vai além do princípio de prazer? Aquelas repetições que não tem nenhum fundamento no prazer para nenhuma instancia do psíquico. Para Freud, isso significa que a repetição compulsória seria serva, por assim dizer, de outra força inconsciente, de algo mais primordial e mais originário, a saber, aquela impulsão que todo ser vivo possui, uma impulsão para o inorgânico ou, simplesmente, uma pulsão de morte.

4.3 A COMPULSÃO À REPETIÇÃO EM FUNÇÃO DA PULÃO DE MORTE

Sublinhemos em que sentido podemos contrastar a *transferência* com a *repetição compulsiva*. Ora, a transferência – que se apresenta de maneira mais acentuada durante a análise – é, justamente, a possibilidade, o palco ou o cenário pelos quais as representações recalçadas, sobretudo, as experiências traumáticas se *atualizam* e se *repetem*. Deste modo, a própria transferência pode ser compreendida como uma forma de repetição, na medida em que se baseia sobre as primeiras experiências afetuosas do sujeito e, assim, *as repetem* direcionando-as às outras pessoas.

No entanto, como nos indica Freud em *Além do princípio de prazer*, o maior paradoxo da compulsão à repetição reside justamente em que se trata de uma repetição, em sua maior parte, de experiências essencialmente desprazerosas.

Consideramos digno de nota que, logo no começo do célebre quarto capítulo do texto de 1920, Freud sente a necessidade de uma pequena retomada e reintrodução do leitor ao tema da memória. Antes de começar a analisar os sistemas que formam o aparelho psíquico, a compulsão à repetição e as pulsões, o inventor da psicanálise parte do seguinte pressuposto:

Apoiados em observações feitas a partir da nossa experiência psicanalítica, podemos supor que *todos os processos de excitação que ocorrem nos outros sistemas deixam atrás de si traços duradouros que constituem o fundamento da memória*. Esses traços são, portanto, restos de lembranças que nada têm a ver com o tornar-se consciente. Aliás, os traços de lembranças mais intensos e duradouros são justamente aqueles que foram impressos por um processo que *nunca chegou a alcançar a consciência*. (FREUD, 2006, p. 149. Itálicos nossos).

Ora, com esta introdução, Freud já nos indica que caminho irá seguir. Logo após essa afirmação, ao continuar postulando – e ao mesmo tempo retomando – alguns pressupostos de sua teoria, Freud diferencia os sistemas da memória e da consciência. Ele afirma ser impossível o sistema responsável pelo registro e armazenamentos das experiências desempenhar também a função da consciência e da atenção (FREUD, 2006, p. 150). Com isso, sabemos que o que está em jogo são as forças e as relações de forças que jogam com as potencialidades da memória, a saber, o recordar e o esquecer.

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud começa interrogando o princípio de prazer, questionando-o, pois a partir daí o médico pôde passar a perceber que esse

princípio não dá conta de responder a todos os processos que ocorrem no aparelho psíquico. Até então, ele assegurava que o princípio de prazer era mensurado de modo quantitativo, ou seja, o binômio prazer/desprazer estava relacionado à quantidade de excitação presente no aparelho psíquico de forma que o desprazer correspondia a um aumento da quantidade de excitação e o prazer a uma diminuição. Porém, Freud começa a perceber uma falha nesta tese, algo que não dá certo e não se encaixa, assim afirma:

Deve-se, contudo, apontar que, estritamente falando, é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo (FREUD, 2006, p. 151).

Deste modo, o princípio de prazer, em 1920, deixa de ter o fator quantitativo como referência e começa a adquirir um estatuto qualitativo. Freud percebe que existe algo mais primitivo e que independe do princípio de prazer, pois analisando o sonho traumático e a brincadeira do *fort-da* constata que o ser humano repete insistentemente experiências que não causam prazer e sim desprazer, ou seja, o sujeito repete inconscientemente o que lhe causa dor e sofrimento. E aqui reside a questão fundamental nessa segunda tópica.

Nesta nova construção teórica o fator quantitativo passa a balizar este princípio que visa à morte numa volta a um estado inorgânico, onde não há conflitos, denominado princípio de Nirvana (FREUD, 2006, p. 86). Este princípio tem que ser quantitativo, pois a pulsão de morte é silenciosa e sem representação, sendo pura quantidade.

Freud também analisa, neste texto, o princípio de realidade, que é uma modificação do princípio de prazer, através das exigências da realidade. Portanto, o princípio de realidade não obtenção abandona a intenção de obtenção de prazer, mas aceita o adiamento da satisfação como algo necessário. Sendo assim, ele tolera o desprazer como uma etapa na do prazer. Nesta perspectiva, o princípio de Nirvana pertence à pulsão de morte, o princípio de prazer representa as exigências da libido e o princípio de realidade, as influências do mundo externo.

Freud conclui nesse texto que a repetição anteriormente ligada por ele apenas ao campo transferencial tem sua força propulsora baseada na pulsão. E é a pulsão de morte que rege a repetição:

Se levamos em consideração observações como estas, baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar (FREUD, 2009, p. 93).

A brincadeira, ou o jogo do *fort-da*, descrito por Freud em 1920, é efetivado pela criança que atira longe um carretel de madeira, preso por um cordão na beirada de sua cama, permitindo que ao fazê-lo desaparecer ela diga *fort*, e ao puxar o cordão para que ele apareça ela diga *da*. Segundo Freud, o primeiro ato do jogo era repetido inúmeras vezes, apesar de o segundo ato ser a fonte do prazer. Então, essa compulsão à repetição se dá para transformar uma situação passiva em ativa, mas também demonstra a presença da pulsão no jogo.

Entretanto, o inventor da psicanálise traz à tona algo inovador para a teoria psicanalítica – a pulsão de morte. Através deste conceito, Freud esclarece que o essencial do material recalçado *não encontra outra saída senão a repetição*. Nesta nova perspectiva, ele pode demonstrar que a repetição não está ligada à resistência, sendo ela apenas o funcionamento normal da pulsão de morte, como demonstra o jogo infantil do *fort-da*. Portanto, o material inconsciente não resiste, pelo contrário, ele insiste para que o recalçado apareça, estando então a resistência ligada ao eu, que não quer saber do recalçado. É bom ressaltar que nesse momento, Freud já adentra com sua teoria pela segunda tópica, do ponto de vista tanto topológico quanto dinâmico. O fato de a resistência estar localizada no Eu, não significa que ela seja consciente. Segundo Freud, existe uma parte do próprio Eu que permanece inconsciente (FREUD, 2006, p. 156). A resistência é inconsciente, porém não corresponde às representações recalçadas, é uma parte inconsciente do Eu. Em outras palavras, o Eu é dirigido pelo princípio de prazer e não quer saber sobre a insistência do recalçado, que lhe gera desprazer, optando pela formação do sintoma como uma formação substituta do sexual recalçado.

Então, Freud se pergunta se, em última instância, a vida psíquica, sua estrutura e o seu trabalho não estariam a serviço de algo maior, mais impetuoso e mais poderoso do que busca pelo prazer. Neste instante, o inventor da psicanálise toca em um dos pontos mais cruciais e profundos do estudo da psique humana. Ele nota, pois, que talvez a vida anímica estaria voltada não a busca de um prazer ou a

fuga de um desprazer. Estas aspirações seriam subalternas de uma tendência muito superior e mais arcaica.

Assim, como assevera Freud em suas últimas páginas de 1920, o psiquismo, o aparelho mental, a sua função e o seu trabalho aparentam tender fundamentalmente a reestabelecer um estado primeiro ou um estado originário. Inclina-se, por assim dizer, a um estado onde o desprazer não se fazia presente e a exigência de compromissos, associações e descargas não existiam. E a compulsão à repetição seria a expressão máxima desta inclinação. Estamos falando aqui de um impulso ao inorgânico, ou uma *pulsão de morte*.

A pulsão impõe a repetição. Portanto, a compulsão à repetição é produto da pulsão de morte que fixa o sujeito em seus pontos de gozo. É importante ressaltar que esse conceito requer o aprofundamento da questão pulsional, para que tenhamos uma melhor compreensão da repetição, que se dá de uma maneira singular, em cada analisante. Sendo assim, este conceito é algo essencial para a psicanálise, ou seja, é um conceito fundamental que vem sendo trabalhado ao longo da história por diversos autores. No entanto, ainda hoje a repetição se mostra bastante intrigante e atual na prática clínica, sendo necessário estarmos atentos as suas especificidades para que possamos compreender suas vicissitudes em cada sujeito que está em análise.

Assim, essas experiências clínicas e a análise dos sonhos traumáticos fizeram Freud retomar a ideia da busca do organismo pela constância, já que sua nova descoberta, a compulsão à repetição, também estava a serviço desse princípio. Como já afirmamos, a compulsão está a serviço da pulsão de morte, pulsão tal que indefinidamente aponta para o retorno a um estado inanimado, pré-pulsional ou, em suma, uma força que impulsiona todo ser vivo restabelecer o estado inorgânico, livre de estímulos.

Na verdade, o inventor da psicanálise parece perseguir um objetivo maior do que simplesmente restrear e descrever os efeitos das pulsões. Sua busca consiste mesmo em compreender a verdadeira essência da pulsão, ou nas palavras do próprio médico, busca pela *característica universal de toda pulsão*. Sobre Isso, Freud chega a se perguntar:

Mas, então, qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir [*ZwangzurWiederholung*]? Nesta altura, talvez estejamos na pista certa para encontrar uma característica universal de

todas as pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral – a qual creio até hoje ainda não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada. *Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior* que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia da vida orgânica (FREUD, 2006, p. 160, itálicos do autor).

Destarte, o que Freud quer aqui nos salientar é que para onde quer que olhemos na natureza em relação ao desenvolvimento da vida, essa sempre aponta para um caráter repetitivo e conservador. A vida possui natureza conservadora, tanto nos animais quanto nos seres humanos. Respalda pela biologia e pelo estudo das teorias evolucionistas do século XIX, o psicanalista pôde perceber compreender que, de maneira geral, os animais sempre conservam e repetem estruturas de gerações passadas, como um hábito, um impulso a repassar todo caminho perpassado pelos seus ancestrais. Conforme os organismos precisaram se adaptar ao ambiente, se modificaram, porém, mantendo antigas estruturas. Nas palavras de Freud:

Afinal, mantidas as mesmas condições ambientais, os seres vivos mais elementares não teriam querido mudar, e desde o início suas vidas estariam sempre repetindo o mesmo percurso. Assim, poderíamos supor que, em última instância, foram a história da evolução da Terra e sua relação com o Sol que efetivamente devem ter deixado suas marcas no desenvolvimento dos organismos. Portanto, as pulsões orgânicas conservadoras teriam assimilado cada uma dessas modificações impostas no percurso da vida dos organismos as preservado para a repetição. É por isso que elas nos dão a enganosa impressão de serem forças que anseiam por mudança e progresso, quando, na verdade, continuam a buscar seu antigo objetivo, e para tal seguem tanto por caminhos antigos quanto por novos desvios (FREUD, 2006, p. 162).

Assim, Freud cada vez mais nos coloca para refletir em torno das questões sobre esse ímpeto à morte que, segundo suas investigações, está presente em todo ser vivo. De fato, ao observarmos o desenvolvimento de qualquer animal, de seus primeiros dias de embrião até a vida adulta, em contraste com a evolução, percebemos que é como se passasse obrigatoriamente por todos os estágios que seus antepassados um dia estavam. É como uma *Aufhebung* da natureza. Os seres vivos evoluem na medida em que conservam. E ao final, como objetivo, o ser vivo quer mesmo a conservação de um estado anterior à vida. Um estado no qual não havia excitações, dores, sofrimentos, *pathos*. Assim sendo, a partir dessas considerações, o inventor da psicanálise então complementa:

Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo de passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento. Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões *internas*, então podemos dizer que: *o objetivo de toda vida é a morte*, e remontando ao passado: *O inanimado já existia antes do vivo*. (FREUD, 2006, pp. 161-162, itálicos do autor).

Ao falar, portanto, de um objetivo da vida, o inventor da psicanálise demonstra como a vida pode garantir e perpetuar sua evolução, ao mesmo tempo que repete esquemas e estruturas arcaicas, visando o reestabelecimento do inanimado, da não-vida, ou em uma palavra, da morte.

Desta forma, Freud está novamente frente à tendência do organismo de buscar o inorgânico, a ausência de excitação, a morte. Porém, desta vez, toma tal tendência do organismo como algo mais significativo, tanto por tê-lo percebido como algo bastante fundamental ao psiquismo, como também por tal tendência opor-se fundamentalmente à concepção das pulsões do ego e sexuais, já que estas falavam de movimento, de investimento, de catexia, enquanto aquela dizia respeito a diminuir todo o esforço com vistas a obter o equilíbrio e a ausência de excitação.

Em contraste com esse impulso que impele todo ser vivo a reinstaurar um estado inorgânico, Freud vai colocar aquelas pulsões responsáveis pela perpetuação da vida, ou seja, as pulsões sexuais (FREUD, 2006, p. 163). Para o psicanalista, existem nos organismos mais complexos células *potencialmente imortais*, por assim dizer. Ou seja, são partículas que potencialmente carregam o ímpeto de vida do portador. As pulsões sexuais, mesmo as parciais, estariam a serviço da perpetuação da vida. Mas, em certa medida, essas também são pulsões essencialmente conservadoras, visto que objetivam também reestabelecer, em um novo ser vivo, estruturas antigas, que chegam até os novos descendentes justamente através da herança que cada célula reprodutiva carrega. Segundo o inventor da psicanálise, essa dicotomia e semelhança pulsional podem ser descritas nas seguintes palavras:

Esse grupo de pulsões é tão conservador quanto as outras pulsões, pois visam à volta a estados arcaicos da substância viva; mas, de outro ponto de vista, elas são ainda mais conservadoras, já que se mostram particularmente resistentes às forças externas. Além disso, também são conservadoras em um sentido bem mais amplo, na medida em que preservam a vida por períodos bem mais longos. São elas as verdadeiras pulsões de vida, elas trabalham contra as outras pulsões que têm por função conduzir à morte, o que mostra que entre esses dois grupos há uma oposição que, aliás, a teoria das neuroses já há muito tempo reconheceu como sendo muito significativa. *É como se houvesse um ritmo alternante na*

vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto (FREUD, 2006, pp. 163-164, itálicos nossos).

Ora, entramos aqui novamente no campo das forças e das relações de forças. Notemos, pois, como o problema das forças, dos impulsos e das energias psíquicas acompanham a psicanálise desde sua gênese, antes mesmo que esta ciência tivesse o nome que temos hoje. Freud, ao encarar enfermos nervosos, encarava também o universo de forças presente em todas as pessoas. Forças tais que, como vimos, jogam e plasmam com nossas memórias, com nossos afetos, com nossos sonhos ou, em uma palavra, com nosso desejo. A conservação encontra terreno fértil justamente na diferença. Corpos diferentes são os únicos aptos a perpetuar e, conseqüentemente, *repetir* antigos padrões.

A partir de protótipos arcaicos, através de repetições e de conservações, o novo se dá e se faz possível. Uma repetição constantemente renovada, no meio desse jogo, dessa luta, desse embate entre as forças que visam agregar e as forças que visam desagregar. Entre as forças que visam construir e as forças que visam destruir. Em suma, o embrionário, o novo só é possível mediante esta disputa entre a vida e a morte.

Neste sentido, podemos constatar que a vida psíquica é, realmente, permeada de forças e relações de forças que constantemente jogam, se chocam, deslocam e se repetem. Não diferente disto, a memória então passa a ser compreendida como a expressão desses impulsos que não cessam de se simbolizar, e o lembrar e o esquecer são, nesta perspectiva, o resultado desta expressão. Lembremos, pois, que é a expressão de uma luta que necessariamente se repete e, assim, paradoxalmente, se sacia...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorarmos os conceitos em torno da teoria da memória de Sigmund Freud, apresentamos a relação entre o recordar e o repetir e como foi possível que o inventor da psicanálise operasse esse avanço dentro de sua própria ciência. O objetivo principal do nosso trabalho foi o de elucidar as questões sobre como uma pessoa, sadia ou não, ao encontrar resistências para recordar determinadas experiências que se encontram recalçadas, passa a repeti-las como se fossem atuais? Por que e sob quais condições esse fenômeno aparece?

No que tange à repetição, desde o princípio da psicanálise, era um conceito já utilizado, apesar de ter uma outra definição e uma outra aplicação para interpretação da prática. Quando Freud, juntamente com Breuer, começou com seu novo método de interpretação, pedindo para que seus pacientes contassem a história deles próprios e a história da própria doença, o inventor da psicanálise já notara que suas pacientes – a grande maioria mulheres histéricas – se encontravam presas, por assim dizer, a um tipo de impulso “demoníaco” a repetir experiências passadas.

Freud observou que os sintomas apresentados pelos histéricos eram uma espécie de conversão, para o corpo, de uma lembrança traumática que acontecera anterior à maturidade sexual e que se ligava com outras representações encontrando uma saída através das manifestações motoras. Portanto, os histéricos sofrem de reminiscência, pois a lembrança da experiência traumática é reativada, *reenergizada*, retirando o afeto dessa representação que se ligou com o fato traumático e convergindo para o corpo do histérico em forma de sintoma, como por exemplo paralisia de membros, paralisia dos órgãos do sentido etc. Por isso, o inventor da psicanálise considera que os histéricos sofrem de reminiscência, ou seja, sofre com as lembranças que ficam na memória do sujeito, pois “não são as experiências em si que agem do modo traumático, mas a revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual”. (FREUD, 2003, Vol. III p. 165).

Ora, notamos que para compreendermos de maneira satisfatória a questão da repetição, teríamos que, inevitavelmente, analisar e explorar a teoria da memória – e de todo aparelho psíquico – desde a gênese da psicanálise. Questões acerca do recordar, do esquecer e em suma, da memória, sempre obsidiaram Freud, visto que são justamente os registros da memória – as facilitações – que compõe a história de cada sujeito e, conseqüentemente, a história da própria doença.

Por isso julgamos necessário uma análise mais atenta à essas interrogações: como as lembranças – produto final da memória – pode ser compreendida como “inscrições”? Quais os sistemas responsáveis por tal função? Como esses sistemas se relacionam entre si e com a consciência do sujeito? São essas indagações que nortearam nosso primeiro capítulo.

Nessa mesma esteira de pensamento, partindo das interrogações já levantadas, consideramos primeiro como a memória, o lembrar e o esquecer são supostos pelo pensamento comum. Aqui observamos uma diferença cabal entre como a maioria das pessoas concebe a memória e como a psicanálise a compreende. O senso comum acredita que a memória é controlada, por assim dizer, pelo nosso “centro de comando consciente”, mais ou menos o que corresponderia ao ‘Eu’ cartesiano. O Eu como aquele responsável pelo *cógito*.

Ora, já nos primeiros textos da psicanálise, ainda quando era uma jovem ciência, Freud já nos chama a atenção para esse ponto, a saber, que a memória não é uma simples função do psiquismo, disposta e controlada pelo sujeito. Não! Para o médico austro-húngaro, a memória e, em última instância, as lembranças são um produto final de todo um processo de velamento e *encobrimento*. Para demonstrar esse comportamento da psique, analisamos os casos em que Freud pôde, de maneira mais enfática, perceber a ação das resistências. São os processos conhecidos como lapsos e atos falhos. A partir dessas observações, notamos como as forças e as relações entre as forças internas podem – e vão – plasmar e modelar as lembranças do sujeito. É neste sentido que Freud afirma a “natureza tendenciosa do funcionamento de nossa memória” (FREUD, 2009, p. 59).

Contudo, o que queríamos demonstrar nesse primeiro momento é justamente essa descentralidade do “Eu”. Essa falsa e pretensiosa crença de que somos conscientes de todos os nossos pensamentos e que se tratando da memória, basta um comando do Eu para reavermos lembranças arquivadas. Como já afirmamos, o lembrar pode ser aqui compreendido como um produto final, um resultado que se chega depois de muitos processos internos e, principalmente, *inconscientes*.

Consideramos, pois, que as lembranças “disponíveis” ao consciente do sujeito já foram moldadas, plasmadas e alteradas devido a ação de forças de resistências e censura, para evitar o desencadeamento da sensação de desprazer pelo Eu ao *recordar*, ou representar, uma lembrança traumática.

Com a intenção de desenharmos uma figura mais clara ao leitor, fizemos, ainda no primeiro capítulo, uma análise mais atenta aquilo que Freud chamou de “sistemas”. Esses sistemas seriam, portanto, responsáveis pelo registro e armazenamento dos dados da memória. Não só isso, esses sistemas mostram, segundo Freud, uma necessária interação entre si.

Um desses sistemas seria responsável pela função da inscrição da experiência, ou seja, um sistema que *se mantém alterado objetivamente* após a passagem de cargas de energia. A esse sistema Freud deu o nome de “psi”. O outro seria responsável pela recepção dos estímulos externos e pela conversão desses últimos em energia livre – a mesma energia que alterará o sistema responsável pela memória –. Esse sistema é composto, basicamente, segundo o inventor da psicanálise, pelos órgãos do sentido e seu nome é sistema “fi”. E um terceiro sistema se fez necessário: aquele responsável pela atenção, pela *consciência* do sujeito. A esse último, Freud deu o nome de “ômega”. Após essas considerações, estávamos aptos a continuar nossas investigações.

Em nosso segundo capítulo, intitulado *As Forças da Memória*, tentamos justamente enveredar-nos por aquelas forças responsáveis pela alteração, pela censura e pelo encobrimento de lembranças e representações. São o *recalque* e a *resistência*. Há recalque porque há resistências, ou seja, as forças que resistem são aquelas responsáveis pelo recalque. Assim, o recalque e a resistência, na teoria psicanalítica, são expressões fundamentais da dinâmica da memória. O esquecimento já é a representação de uma resistência, ou seja, o esquecimento já aponta para uma falta, uma lacuna na memória e, em última análise, uma lacuna na história do sujeito. Com efeito, Freud enfatiza exatamente a luta que travam entre si as forças, ou as pulsões, que fazem do sujeito um lugar de resistências, deslocamentos e superações.

Por causa dessas resistências que lembranças e representações pulsionais não encontram seu caminho à rememoração livre. São graças a essas forças contrárias, por assim dizer, ao recordar, que as representações recalçadas precisam encontrar caminhos alternativos para serem integradas, faladas, subjetivadas, simbolizadas ou, numa palavra, recordadas. Pois, para Freud, um conteúdo que se acha recalçado e energeticamente investido, ou seja, aquele ponto de acúmulo de tensão, sempre exercerá pressão no psiquismo em direção à consciência. Por isso, algumas dessas representações, através do *compromisso*, se manifestam das

maneiras mais alternativas, como sonhos, lapsos e em casos mais extremos, como sintomas. Ademais, é devido a esse compromisso de simbolização com o recalado que o papel da *transferência* se trona imprescindível.

A transferência e a compulsão a repetição são conceitos ligados dos pontos de vista descritivo e prático. Em outras palavras, um não pode ser pensado, ou concebido, sem o outro. E são esses os conceitos que constituíram as questões em nossos últimos capítulos.

Ora, consideramos até aqui que a memória é um sistema responsável pela inscrição e arquivamento de experiências. Consideramos também que o ato de recordar, ou seja, resgatar uma experiência da memória já é um ato de modificá-la, devido a ação daquelas forças já mencionadas que se impõe no caminho do recordar: a resistência e o recalque. É neste ponto que entra em cena a transferência.

A transferência seria, para Freud, o caminho, a passagem, o veículo pelo qual o analisando encaminharia suas representações recalçadas, sobre a pessoa do médico. A transferência seria o fundamento da relação entre analista-analisando. Essa relação é tão importante que Freud chega mesmo a afirmar que a aparição e o manejo da transferência são de uma importância para a conclusão e sucesso da psicanálise (FREUD, 1996, p. 56). É esse mecanismo que dá espaço para as ideais inconscientes do sujeito se representarem e, em última análise, se integrarem.

Consideramos, pois, ser esse conceito o “nó” de nosso trabalho, pois o conceito de transferência, como consideramos aqui, enlaça todos os outros conceitos trabalhados. É a partir e através da transferência que a memória se *atualiza* e se faz ação. E é essa ação que dá acesso à descarga das tensões retidas no interior do aparelho.

Ora, se nossa pergunta principal era: como Freud operou essa passagem, onde ele sai de uma teoria da memória – do recordar e do esquecer – para chegar a uma teoria da repetição – a compulsão demoníaca a repetir antigas experiências – e por que se fez necessário essa revisão e alteração de sua teoria, a resposta seria: porque na experiência analítica, ao se defrontar com transferências e contratransferências o inventor da psicanálise descobriu que todo sujeito é acompanhado a vida toda por seus fantasmas esquecidos. Por lembranças que nem acesso à consciência tem, mas que exercem força o suficiente para alterar e ditar a vida na anímica de cada um.

Freud pôde, através do trabalho da psicanálise, contemplar o universo de forças subjacentes a todo sujeito. Ele notou que o Eu é uma pequena instância, dentro de todo um emaranhado de sistemas indissociáveis. A relação entre essas forças é a responsável por toda plasticidade e engenhosidade da memória. E graças as relações interpessoais que temos ao longo da vida – relações transferenciais – que estamos presos, digamos assim, a uma compulsão a repetir e, em última análise, a impulsos que visam conservar um estado inerte. Um estado sem recordar, sem esquecer, sem transferir, sem amar, sem sofrer. Um estado de morte...

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. In: **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, pp. 203-218, 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982008000200003>.

ALMEIDA, R. **Eros e Tântatos**. A vida, a morte, o desejo. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **Nietzsche e Freud**: eterno retorno e compulsão à repetição. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **A memória, o esquecimento e o desejo**. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.

BOCCA, F. Verardi. **Ontologia Sem Espelhos**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

BREUER, J. FREUD, S. **Estudos sobre Histéria**. Rio de Janeiro, Imago: 1996.

CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. In: **Ágora**, v. 9, n. 2, pp. 207-224, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982006000200004>.

CASANAVE, Carlota Maria Ibertis de Lassale. **As Tramas de Mnemosine**: a memória nos primórdios da teoria freudiana. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2008. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280575/1/Casanave_CarlotaMarialbertisdeLassalle_D.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

FALCHI, Valerio; NAWAL, Rida. Transference, Countertransference and interpretation: the current debate. In: **European Journal of Clinical Hypnosis**, v. 9, n. 1, 2009. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/1330/1d970619b657e25d765c9a86db4faf8fe9ff.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FERREIRA, Tânia. **A escrita da clínica**: psicanálise com crianças. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERREIRA, Diego Diz; CARRIJO, Christiane. Transference management in Freud: an analysis of the relationship between transference and suggestion. In: **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 393-424, Dec. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982016000300393&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016003004>.

_____. O manejo transferencial em Freud: uma análise da relação entre transferência e sugestão. In: **Ágora** (Rio de Janeiro), v. 19, n. 3, set/dez, 2016, pp. 393-408. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v19n3/1809-4414-agora-19-03-00393.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FONSECA, E. Ribeiro. **Psiquismo e Vida**: sobre a noção de *Trieb* nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

FREUD, S. BREUER, J. **Estudos sobre Histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Três ensaios sobre a sexualidade infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Formulação sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **O Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **À Guisa de Introdução ao Narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Pulsões e Destinos da Pulsão**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **O Recalque**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **O estranho**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Além do princípio de prazer.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **The Interpretation of Dreams.** Freud's seminal work in understanding the human mind. New York/; Avon Books, 1965.

_____. **Totem and Taboo.** New York: W. W. NORTON & COMPANY, 1989.

_____. **The Psychopathology of Everyday Life.** New York: W. W. NORTON & COMPANY, 1989.

_____. **Inhibitions, Symptoms and Anxiety.** New York: W. W. NORTON & COMPANY, 1989.

_____. **Beyond the Pleasure Principle.** New York: W. W. NORTON & COMPANY, 1989.

_____. **The ego and the Id.** New York: W. W. NORTON & COMPANY, 1989.

GARZIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à Metapsicologia Freudiana: Sobre as Afasias.** V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Introdução à Metapsicologia Freudiana: A Interpretação dos Sonhos.** V. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Introdução à Metapsicologia Freudiana: Artigos de Matapsicologia: Narcisismo, Pulsão, Recalque, Inconsciente.** V. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Freud e o Inconsciente.** Rio de Janeiro/: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. **O Seminário Um: os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOURENÇO, Lara. Transferência e Complexo de Édipo, na Obra de Freud: Notas sobre os Destinos da Transferência. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, v. 18, n. 1, pp.143-149. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24828.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: o Movimento de um Pensamento**. São Paulo: Unicamp, 1989.

SANTOS, Lúcia Grossi. **O conceito de repetição em Freud**. Belo Horizonte: Escuta, 2002.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana. In: **Temas psicol.**, v. 2, n. 2, p. 13-27, ago. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2019.